

Oferta
10 NOV. 1998

ANO IV - N.º 171
24
AGOSTO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

O Aliado Passivo das Nações Unidas

(Vêr na página 5 um oportuno comentário à política da Turquia)



**VIDA
MUNDIAL**

As uvas portuguesas — tão boas, as de Palmela, que se vendem pelas ruas! — são o pão e a guloseima dos pobres! (Foto Seródio)

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

A moda de andar sem meias

DE todas as modas, que a mulher ruinosamente pratica, a que menos abala deo ao orçamento do homem foi a das meias. O filho dilecto de Adão que tem vindo através dos séculos, de bôso vazio, a pagar todos os extravagantes caprichos do seu ditoso arrimo espirital — como muito bem diz a poesia — abriu a boca de pasmo quando, em pleno século XX, a mulher decretou, sem remissão, o repúdio das meias. Pode calcular-se facilmente o que equivale, monetariamente, o uso duma perna bem calçada. Segundo os economistas, um terço dos equilíbrios orçamentais do mundo depende das mulheres. São elas que abrem as falências nos bancos, que levam à ruína firmas reputadas — e que, indirectamente, têm premido os gatilhos dos revólveres suicidas... Uma mulher — na frase dum cientista — é um microbio. Infecciosa, depois de perna, arruina um organismo vivo. E então quando essa mulher é de qualidade de exagerar — a queda é estrondosa, para o desgraçado que pensou em conquistar o seu coração. O homem que sente, estoiicamente, a entrada das estações, sabe perfeitamente que de três em três meses o calvário da modista lhe chega à porta. São os chapéus novos e transformados, os acrescentos dos vestidos, os sapatos, as blusas, os folhos, mil e uma coisas que a contabilidade dos costureiros não sabe perdoar... Um dia perguntaram a um homem, que se esforçava, dedicadamente, a trabalhar:

— Que compensação tem do seu labor intenso?
Sem uma hesitação, sem um minuto de reflexo, êsse grande artifice do esforço respondeu logo:

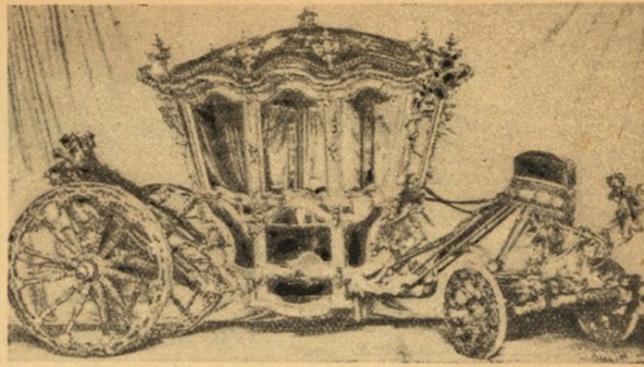
— Quanto mais trabalho, mais chapéus dou a minha mulher! Vejo-a feliz — e, por reflexo, sinto-me também feliz.

Ora, na verdade, é assim. O homem é o grande accionista da moda. E êle, com o seu dinheiro que a movimenta, que lhe dá vida e a faz progredir. Els porque ficou surpreendido quando a mulher, por abair-assinado, se lembrou de deixar, a um canto, as meias, de malhas caídas, e veio para a rua de pernas ao léu. Dizem que esta moda é oriunda de Cachelhas. Até que enfim que aquela terra havia de dar mais qualquer coisa que os burros para transporte. Consta que foi uma moleira, de mal com o seu amor, que jurou andar quinze dias sem cobrir as pernas se «êles», o seu apaixonado, voltasse a falar-lhe ao postigo. O caso é que outras seguiram aquela, não calçando as meias. A moda veio depois para Lisboa, no barco da carreira. E pegou. Ao principio era o vari-name, a gente do povo que labutava, que andava com a perna mordida pela aragem. Mas cedo, meninas de tom lhe seguiram o exemplo. No verão, a febre pelo abandono das meias, tomou incremento. As casas da especialidade bem calçavam os figurinos, bem lhes realçavam as formas: a publicidade dos jornais chegou a dizer que uma perna com meias não era uma perna, era um pernã; porém nada disso atemorizou aquela legião de praticantes — antes pelo contrario: cada vez as meias se punham mais de parte. O homem exultou. Sabe-se, em números redondos, que um sexto do salário mínimo dum homem é para apanhar malhas. A moda inventou, além do fio de escócia — a meia de vidro, de seda vegetal e animal; todas elas, porém, arrancavam dinheiro ao homem. Quando as mulheres deixaram de usar meias — provam-no as estatísticas — cinquentia por cento da população engordou. E compreende-se que assim seja: ou se compra um par de meias ou se janta. Ter meias e jantar é compreensivelmente impossível. Um problema surgiu logo, com o abandono do «fio-de-escócia»: as pinturas. A mulher inventou logo outra coisa. Se andava de perna ao léu queria ter umas pernas elegantes, de boa côr. E vai daí começou a comprar nos droguistas, oca e pinel, que era preciso fazer obras nos membros, desde a côxa ao calcanhar.

E assim se fez. Primeiro uma camada de óleo, depois um creme, seguidamente uma bezuntadela de tinta — e, pronto, as pernas ficam morenas, bem queimadas, com o ar sôdo do fôdo — dado em quatro divisões do Largo da Graça. Deduz-se daqui claramente que o homem não ganhou nada com isso. Se as meias eram caras — as pinturas duplicaram, com o agravante de intoxicarem a família inteira. Só têm vantagem nesta nova modalidade aqueles homens que casaram com mulheres muito morenas. Essas apreciavam imenso ter as pernas brancas de moda que, com cinco tostões de cal-vingem podem dar duas-de-mão, com brocha barata, e o caso fica bem remediado.

E, com tantas obras, — o homem fica com o edificio orçamental arruinado...

MANUEL MARTINHO



Quando os côches corriam pelas ruas de Lisboa

OS côches da casa real portuguesa são dos mais fastuosos em todo o mundo. O seu valor, em delicadas obras de talha e pinturas, chega a atingir um alto poder artistico, que causa a admiração de todos os estrangeiros que nos visitam — e ficam extasiados diante da valiosa coleção que o Museu Nacional dos Côches oferece. O século XVII e XVIII está ali representado com todo o esplendor.

A França, a Inglaterra e Roma possuíram côches de grande valor artistico — todavia as revoluções que convulsionaram aquêles países destruíram todas as jóias representativas — e deixaram num montão de destroços as mais lindas carruagens de reis e príncipes. Os ingleses ainda guardam como reliquia os célebres côches que tomam parte no préstito do «lord-mayor», quando vai ser investido nesse cargo. No entanto, nota-se que êsses côches são inferiores aos de segunda ordem da casa real portuguesa.

O primeiro côche que Lisboa viu trouxe-o, de Espanha, Filipe II, em 1581.

Alguns escritores dizem que no reinado de D. Manuel, o «Venturoso» já se usavam aquelas carruagens — mas afinal, provou-se depois que só um século decorrido o povo de Lisboa pôde ver aquela maravilha de luxo, rodando com os seus doirados batidos de sol e puxados por vigorosos cavalos, ajazezados a oiro.

Nos reinados de D. Manuel — como nos dos três monarcas seguintes D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, não se usaram carruagens, como já dissemos. Até morrer o cardinal-rei — em 31 de Janeiro de 1580 — sempre que os reis saíam à rua, em solenidade ou incumbência official, faziam-no a cavallo. Para isso tinham uns vistosos alazões, cobertos de ricos panos, com brocados a oiro e estribos de prata; a rainha, os príncipes e os infantes faziam parte do préstito, levando as rédeas os vassallos mais intimos da côrte. Em França, o primeiro côche que appareceu foi no século XV, reinando Carlos VII — e foi uma prenda de Ladislau IV, rei da Hungria, à esposa daquêle soberano, a rainha Maria de Anjou.

No casamento de Francisco II, com Maria Stuart, rainha da Escócia, com luzido esplendor realizado em Paris, no ano de 1558, a formosa noiva foi levada à catedral de Nossa Senhora, montada num soberbo palafre.

Esta cerimonia atraía a Paris uma verdadeira multidão desejava de ver de perto, Maria Stuart, que era das mais lindas rainha do mundo.

Foram precisas grandes precauções para que se não dessem desastres, tal a aglomeração de público. Só no casamento de Henrique IV com a rainha Maria de Médicis, no ano de 1600, se começou a generalizar o uso dos côches. Na Inglaterra foi

a rainha Isabel, que governou a poderosa nação em 1558, a primeira pessoa que passou de carruagem pelas ruas de Londres.

Em Portugal, quando do casamento da filha de D. João IV, a infanta D. Catarina com Carlos II, rei da Inglaterra, que teve lugar em 1666, reinando já D. Afonso VI, toda a familia real e a noiva foram dos Paços da Ribeira até à Sé — onde a cerimonia se realizou — em lindos côches. Grandes multidões admiraram os luxos e as grandezas que o cortejo, cheio de pompa, mostrava. Pelo percurso, continuas chuvas de flôres cobriam o vistoso séquito. Os sinos da Sé repicaram, festivos, toadas de aleluia. Depois da cerimonia a infanta voltou ao Terreiro do Paço onde embarcou numa galeota que a conduziu à náu, onde a viagem para Inglaterra seria feita.

Também no consórcio de D. Afonso VI com a rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, o rei de França Luís XIV ofereceu à noiva um lindissimo côche que fez a admiração de todos os portugueses. Mas os côches mais fastuosos da casa real pertencem ao reinado de João V — o rei que mais magnanimamente gastou o dinheiro...

UMA PEQUENA REPORTAGEM

A alegria das verbenas

A música toca, desafinada, num palco improvisado ao fim do recinto. Um homem, em mangas de camisa, andou com um regador a molhar o chão de terra. Porém, com o remexer de tantos pés, levantam-se, de quando em quando, grandes núvens de poeira que sufocam.

Rapariguitas muito amareletas, alardeando uma alegria que não devem sentir, passelam desesperadamente — enquanto, em surdina, vão cantando a música que os músicos desafinam. Chama-se a isto uma verbenas. Estão agora muito em moda as diversões ao ar livre. O calor, nos cinemas e nos teatros é uma coisa real, palpável, que não pode ser abolida com uma sobretaxa no bilhete. Há cinemas, mesmo, que não têm mais nada senão o infalível calor. Mesmo assim, estão sempre cheios — os bilhetes disputam-se aos encontrões, com insultos e impaciência. De modo que certos empresários de que se lembraram? Fazer as verbenas. Ao principio havia uma só em Lisboa — mas depois começaram a surgir: a de S. Catarina, a da Voz do Operário, a do Atlético e sabemos lá quantas mais...

Todas são iguais — embora os fins a atingir sejam diferentes. A da Voz do

Operário certamente reverte para as inúmeras escolas que aquela modelar colectividade mantém; e a do Atlético é para o grupo de futebol; e a de Santa Catarina, reverte para quem a explora.

De todas, porém, a que mais êxito tem alcançado é a do Atlético. Não se pode calcular como é possível ter tanta gente para assistir aos espectáculos. Assistimos, há pouco, a uma coisa tremenda.

* * *

Gritavam as mulheres, os homens bracedavam furiosos — e os eléctricos, pela calçada da Tapada, a passo de boi, não conseguiam avançar. Da esquadra do Calvário, que fica próximo, safu um piquete de polícia. E no Cabêço de Bola, por um triz que se não preparou um esquadrão de cavalaria. A gritaria cada vez era mais impetuosa. A multidão chegava de todo o lado. Parecia que o bairro de Alcântara estava num motim. E afinal que era?

Apenas isto: Amália Rodrigues, tão popular no bairro operário, lá cantar. Os bilhetes custavam quinze tostões e havia tanta gente lá dentro que os portões se fecharam, com polícia. As onze e meia da

vez para sempre, com a proibição do estacionamento. Está bem que não os deixem ficar o dia inteiro a fazer concorrência aos que perto têm lugares, e dando à rua um aspecto de feira. Está bem que os não deixem poisar às meias dúzias pelas esquinas. Mas tudo tem o seu meio termo, a sua possibilidade de um encontro de interesses. não é verdade?

JULIANO SILVERIO ANTUNES, um morador do Bairro Alto

Moro no Bairro de Campo de Ourique. Com esta questão domiciliaria nem V. nem os seus leitores têm de preocupar-se. Com o que vou passar a expor, sim, por serem casos públicos que afectam muita e boa gente que não está de acôrdo com êles e, decerto, concorda comigo.

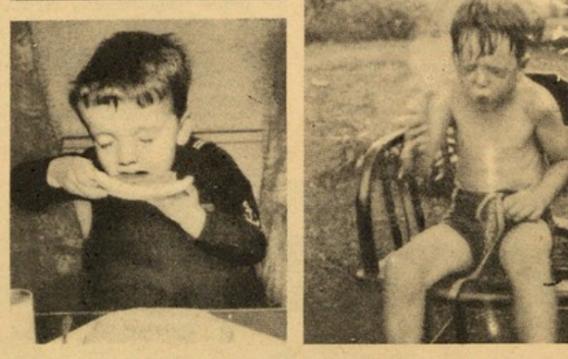
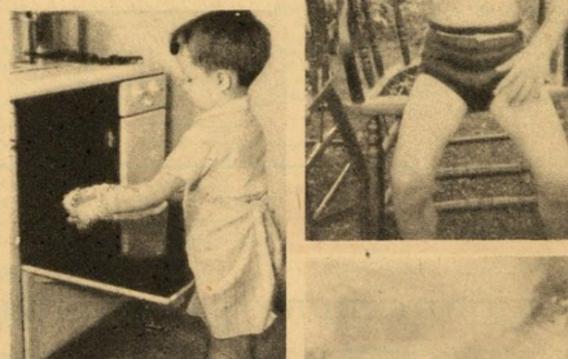
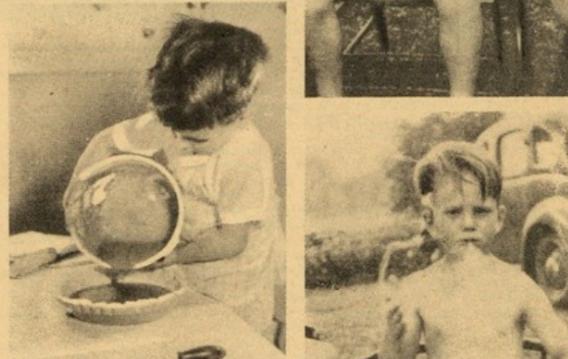
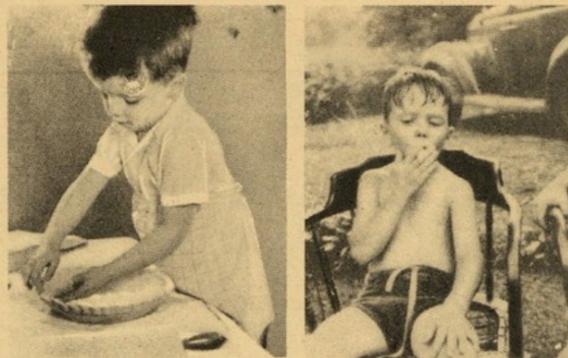
1.º caso — Há no Rossio, desde longos anos, um expedidor (do lado sul), que deve ser classificado de «tirano das tabuletas» porque, faça sol ou chuva, êle, superior e imperturbável, com a pala orgulhosa do boné a dar-lhe majestade, resolve de um instante para o outro que um eléctrico que tinha letreiro ou número para Saraiva de Carvalho passe para Avila ou Graça... o que não tem graça nenhuma!... Calcule V. o transtôrno que isto causa, sobretudo para quem, como eu, tem apenas hora e meia destinada a almoço. Não haveria maneira de humanizar êsse Senhor Absoluto dos Letreiros?

2.º caso — A primeira distribuição postal faz-se, no meu bairro, invariavelmente, depois das 11 horas e, aos domingos, o almejado carteiro com as cartas e jornais aparece muitas vezes depois do meio-dia.

Quererá V. no seu agradável e simpático semandrio ser o intérprete junto das entidades competentes dêste lamento do seu «leitor assíduo»?

DULCÍDIO LIMA — Rua Azedo Gneco, 313. 3.º.

QUANDO ÊLES QUEREM SER O QUE NÃO SÃO...

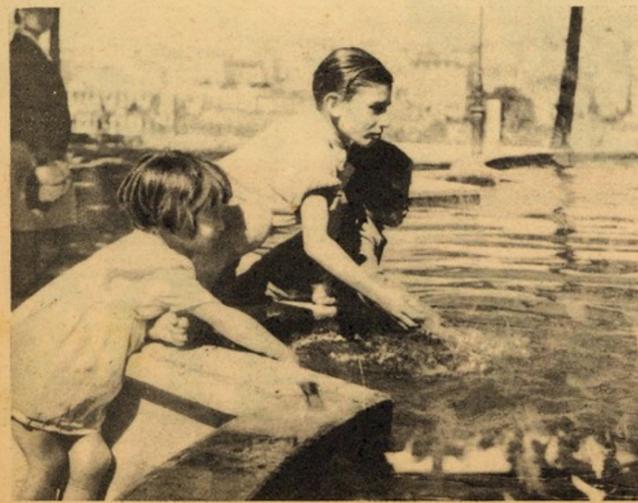


É um paradoxo inegável: cada um gosta de parecer o que não é: os velhos gostam de parecer jovens e os jovens gostam de parecer velhos... Não é verdade que não há miúdo de quinze anos que não goste de dizer que tem deztoito? Pois êstes dois miúdos — o Toy, de 4 anos e meio, e o Zézé, de seis incompletos — também foram surpreendidos na sua precocidade de cozinheiro e fumador, pela objectiva de um fotógrafo amador.

O primeiro cozinheiro — e o primeiro cigarro! Tem sua graça, não tem?

A praia dos que não têm praia...

(Foto Seródio)



DO MUNDO

O que se vê e o que se prevê

COM os desembarques aliados no sul da França, começou a funcionar uma nova frente de batalha, onde os dois grupos combatentes têm que aplicar os seus esforços. O importante, porém, é que essa repartição de esforços não é de valor e conseqüências iguais para os dois partidos, em luta. Do lado alemão, realmente, será necessário fazer ali afetar exércitos cuja falta se faz sentir nas três frentes que já anteriormente funcionavam — Rússia, Itália e França do Norte — pois que em nenhum desses pontos o comando da Wehrmacht tem conseguido, desde há meses, impedir os movimentos que os exércitos aliados sucessivamente têm empreendido para encurtar as distâncias que os separam da Alemanha; do lado dos Aliados, pelo contrário, faz-se entrar em acção reservas até agora inactivas, que se mantinham precisamente destinadas a aparecer na zona onde foram agora lançadas. Esta diferença de situações é, na verdade, fundamental, pois marca com certa precisão o grau de possibilidades actuais dos dois blocos militares em presença. Pode dizer-se, como argumento extraído dos princípios gerais da estratégia — estas considerações técnicas estão hoje ao alcance de toda a gente, e os próprios leigos não desdenham de meter a sua colherada... — que as circunstâncias geográficas facilitam a manobra do comando alemão, que dispõe de linhas interiores de comunicação, isto é, cujo centro de reservas irradia para cada uma das frentes de batalha. Mas essa verdade é atenuada por duas ordens de considerações: em primeiro lugar, essas vias de comunicação têm a sua importância reduzida pelo peso dos bombardeamentos a que a aviação aliada ininterruptamente as submete, e pela sabotagem organizada e posta em execução pelos povos dos países ocupados; em segundo lugar, porque mesmo que o funcionamento pudesse manter-se em condições sensivelmente normais, a verdade é que as reservas não existem em condições e importância que possam fazer sentir a sua presença e intervenção. É o próprio serviço alemão de informação para o estrangeiro que o diz, ao apontar a superioridade numérica do adversário e ao fazer apelo às últimas reservas, às últimas energias e a todas as manifestações de sagacidade e engenho dos homens de ciência alemães, para que possa vir a ser possível superar a desproporção que neste momento se revela.

Seja como for, vê-se, de momento, a batalha da Europa repartida já por quatro frentes: do lado russo, na da península italiana, no norte da França e no sul deste mesmo país. É possível, ainda agora, encerrar a hipótese de novos desembarques — a costa propriamente do Canal, com a expectativa dos Países Baixos, continua como vistosa tentação — mas os amadores de fenómenos não desdenham esperar, com o maior interesse, assistir ao desenvolvimento da manobra que possa levar a junção de algumas das actuais frentes: do Sul da França com o Norte da França; do Sul da França com a Itália; ou da Itália, galgando os Balcãs e aproximando a presença efervescente dos resistentes jugoslavos, com os exércitos que, vindos de leste, já há meses que se detiveram na Romênia. Para tudo isto, é preciso contar com uma presença que dia a dia se revela mais actuante — a das próprias populações dos países ocupados, que, à aproximação das possibilidades, se rebelam e se revelam como nova força com que é preciso contar neste perturbado e perturbante cálculo de probabilidades da guerra.

Churchill, que tem sido, fora de toda a dúvida, o adeus ex-machinas, primeiro, da resistência e, depois, do vigoroso ressurgimento da causa das Nações Unidas, não se contenta que não fôsse para a zona do Mediterrâneo tomar contacto com as grandes realidades da guerra que por ali devem estar a romper. Churchill é sempre um arauto — por temperamento. E a nova fase da guerra de nervos parece ser, precisamente, a de dar a entender com antecedência tudo o que se vai passar: para haver, naturalmente, quem não acredite...

J. R. S.

MARROCOS

Os cumprimentos do Sultão

ESTA foto que damos juntamente, mostra o Residente Geral francês, quando recebia, por ocasião da Festa Nacional da França — o 14 de Julho — os membros do Makhzen e todas as notabilidades muçulmanas que foram cumprimentar o representante da França Livre, em Marrocos. Nessa altura, o Grão-Vizir, em nome de Sua Majestade o Sultão, exprimiu o embaixador Gabriel Pauas o desejo de que Marrocos continue a marchar ao lado da grande nação protectora, agradece-

do-lhe o Residente os votos de liberdade para a França. Falou, também, do íntimo entendimento registado desde a primeira hora, entre marroquinos e franceses da Resistência, salientando, ainda, as medidas que ultimamente têm sido tomadas pelo Governo Provisório, para o engrandecimento de Marrocos. Essa obra, em vias de realização, é uma magnífica prova do esforço comum e da colaboração de marroquinos e franceses.



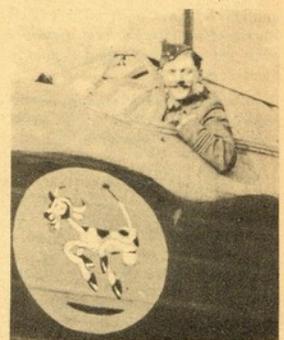
INGLATERRA

AS MASCOTES DOS SOLDADOS

AS «mascotes» dos combatentes, que estiveram tanto em moda na outra guerra, conhecem hoje de novo uma grande voga. Não são unicamente os soldados que as usam — os civis imitam-nos, porque nas horas dos apertos a humanidade teve sempre o cuidado ou a fraqueza de apelar para todas as forças morais e físicas, afim de estar bem amparado.

Os ratos, os gatos, as serpentes, os cães — não há animal que não sirva de talismã, actualmente, aos bravos soldados ingleses. Mas, não são eles só: os modernos «pollus», ou seja, os soldados franceses, fazem-se sempre acompanhar de algum animal que lhes dê felicidade. A mais estranha e gigante das «mascotes», porém, pertence a uma unidade americana: é uma burra, apanhada no Norte de África e transportada depois, de avião, para os Estados Unidos.

Nas fotos, os leitores encontrarão alguns dos sugestivos desenhos feitos nos aviões dos soldados ingleses — quasi todos baseados em figuras conhecidas.



ROMÉNIA

O GENERAL BERTHELOT

OS acontecimentos da Transilvânia vieram acordar a recordação do general Berthelot, um dos chefes do exército francês durante a outra guerra, e a parte activa que tomou na formação da Romênia, nascida dos tratados de 1919.

Sob a influência da corte, principalmente da rainha Maria e de um definido movimento da opinião pública, as Câmaras romenas, que haviam já — honra sem precedentes — recebido o general Berthelot como senador, decidiram testemunhar-lhe o reconhecimento da nação, oferecendo-lhe um domínio na Transilvânia.

Nessa região de doces costumes pastorais, a população recebeu Berthelot de braços abertos, o qual, aliás, era um magnífico espírito de bondade e bonomia, rapidamente conquistado pela gente da Romênia.

Colaborador imediato de Joffre, Berthelot desempenhara um papel importante — um papel de grande plano — na batalha do Marne, gozando na Romênia do prestígio que se deve ao animador de um combate político e militar, donde um país sal Livre para entrar no conceito das nações.

Todavia, para os camponeses da região onde estava a sua propriedade de muitas centenas de hectares, Berthelot valia como uma figura legendária. A sua popularidade não estava só no seu prestígio militar e na sua bondade. Um detalhe

pitoresco havia contribuído para essa popularidade e que se conta em duas palavras: as autoridades romenas, quando ofereceram as terras a Berthelot, tiraram a aldeia o nome que tinha e passaram a dar-lhe o nome do general francês. Esta decisão provocou, naturalmente, um certo espanto entre a população mas nada de especial se passou. Até que o novo senhor chegou, conduzido solenemente à sua propriedade, em combóio especial. Toda a população estava presente na estação para o receber. Mas, em todos os rostos, via-se um sorriso aberto que, a princípio, ninguém pôde compreender. A explicação veio mais tarde: o que havia provocado os comentários chistosos da população era a sua estatura — um dos homens mais fortes do exército francês, mas, também, um dos mais barrigudos! Ora, em romeno, salvo erro, a palavra «berthelot» significa barrigudo. Os camponeses da nova aldeia de Berthelot haviam achado singularmente divertido que o novo senhor da sua terra fizesse tão largamente as honras ao seu nome...

Por sua morte, as propriedades do general Berthelot, que deviam ficar para os seus herdeiros, regressaram à posse do Estado romeno, porque esse homem de fortuna modesta teve a discreta gentileza de lhe legar quanto a nação lhe havia oferecido em sinal de reconhecimento.



Churchill, Roosevelt e o Presidente Inonu tiveram largas conversações quando da Conferência do Cairo, sobre as futuras relações dos Estados Unidos, Rússia e Turquia. As conferências entre outras altas individualidades, assistiu Eden, que se vê na foto, por detrás do Presidente Inonu.

TURQUIA

O ALIADO PASSIVO DAS NAÇÕES UNIDAS

AO tomar conhecimento do rompimento das relações diplomáticas entre a Turquia e a Alemanha, o Ministério dos Negócios Estrangeiros norte-americano deu a conhecer que, na opinião dos dirigentes da política externa dos Estados Unidos «a Turquia dera mais um passo em frente no caminho da completa cooperação com os Aliados na luta contra a agressão nazis».

Tal declaração leva a concluir que, pelo menos aparentemente, os Estados Unidos esperam que a Turquia, mais tarde ou mais cedo, entre na guerra ao lado dos Aliados anglo-russo-americanos. No entanto, o significado mais natural e plausível da nova atitude turca parece estar na opinião daqueles que dizem que as Nações Unidas não ganharam mais um aliado activo, mas sim um associado passivo.

Mesmo que assim seja, as consequências inerentes à nova situação no Próximo Oriente são consideráveis. Apontam-se, como resultados inevitáveis da última derrota diplomática da Alemanha, a abertura dos Dardanelos à navegação anglo-russo-americana e o estabelecimento de bases aéreas e navais aliadas em território turco, o que não só põe em grave perigo as posições nazis nos mares Egeu e Negro, mas também tornará muito mais periclitante o domínio alemão em toda a área balcânica.

A situação criada pela resolução turca enquadra, com justeza, no tradicional e prudente procedimento político do governo de Ankara durante os últimos quatro anos.

A Turquia aliou-se à Grã-Bretanha pouco depois da guerra estalar; mas, deu aos seus deveres de aliança uma interpretação que se traduziu por uma passividade, que o governo britânico procurou compreender sempre, mas que considerou em muitas ocasiões extremamente rígida.

A atitude turca é agora, similarmente, compreensiva. Como toda a gente pode verificar imediatamente, os estadistas chefes por Inonu e Sarajoglu têm hoje mais recelo de

ver a sua Pátria relegada para um lugar donde não possam levantar a voz durante a Conferência da Paz do que do poderio militar do III Reich.

Há algum tempo, o sr. Churchill avisou os turcos de que se mantivessem a neutralidade — neutralidade, sob muitos aspectos, extremamente proveitosa — na hora dos ajustes de contas, a Turquia não teria voz activa na reconstrução da Europa.

É por estes e por outros motivos que certo jornal de Ankara publicou recentemente um artigo em que entre outras coisas se dizia: — «A Turquia demonstrou a sua lealdade à aliança com a Grã-Bretanha, ao tomar a decisão de proibir as exportações de crómio para a Alemanha e a passagem de navios auxiliares

e de guerra alemães através do Estreito dos Dardanelos».

No entanto, os ingleses não esqueceram — e ainda há pouco o lembraram — que as exportações de crómio só foram proibidas após veementes protestos do governo britânico e que a interrupção da passagem de navios de guerra alemães para o mar Egeu só se fez depois do sr. Eden ter usado uma linguagem bastante dura e agressiva.

No entanto, se o rompimento das relações diplomáticas e comerciais entre a Turquia e a Alemanha ajudar a encurtar a duração da guerra, mesmo nesta fase que os dirigentes anglo-americanos consideram a última e, até segundo as possibilidades mais pessimistas, extremamente curta, a decisão da Turquia adquire

considerável, ou antes, relativo valor e importância. O corte das relações, mais que não seja, significa a interrupção definitiva do envio de certos materiais de guerra que a Alemanha ainda estava a receber e dá maior destaque à incerteza do futuro dos países balcânicos satélites da política germânica.

Contudo, se a Turquia pretende tomar parte nos despojos da luta quando soar o sino da Paz, não pode perder muito mais tempo, pois que os acontecimentos podem muito bem antecipar-se às suas resoluções.

E, um dos exemplos que torna mais justificado o apressamento da entrada da Turquia na guerra é-nos apresentado por uma notícia muito curiosa. Segundo algumas informações, não confirmadas oficialmente — é certo! — anunciou-se que o governo búlgaro, apesar do país estar sob regime de ocupação pelas tropas alemãs, procurará aproximar-se, ostensivamente, da Rússia.

Em consequência disto, já se afirma que não são estabelecidos consulatos soviéticos em dois portos do mar Negro, dos quais serão retiradas todas as tropas especialistas e outras forças armadas alemãs ali aquarteladas: Se isto se confirmar, só pode significar que a Bulgária tem em mente «fazer o seu jogo sem se preocupar — como é natural — com aquilo que a Turquia possa fazer e, no futuro dos Balcans, tal influência pode revelar-se extraordinariamente desagradável para os destinos políticos turcos.

Por ora, da atitude da Turquia só uma conclusão se pode tirar: a semi-convicção de que o bloco das Nações Unidas vai, suceda o que suceder, ganhar a guerra — coisa que para se acreditar hoje, já não é preciso ser muito crente em profetas... A declaração de guerra da Turquia à Alemanha, porém, fornecerá a prova real e indiscutível da convicção absoluta dos prudentes governantes turcos de que o Reich está vencido e de que mais nada se pode esperar do poderio da sua máquina militar...

ALEMANHA

O atentado contra Hitler

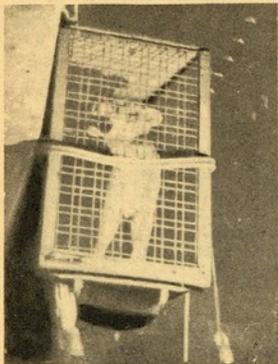
Ainda não estão devidamente divulgadas as condições em que se deu o atentado contra Hitler porque, naturalmente, as conveniências da política escrevem-se de métodos de divulgação mais ou menos conformes com os factos. Seja, porém, como for, o certo é que houve um atentado contra a vida do Führer e que os responsáveis e quantos se julgou necessário eliminar pagaram já com a vida a sua ousadia. As agências telegráficas, logo nas primeiras notícias, informaram que, seguidamente ao atentado, se efectuou uma longa conferência entre Hitler e Mussolini. Et-los, juntos, quando o Führer mostrou um ex-Duce italiano o local onde se deu o atentado.



COCKTAIL

AVISO

INESPERADO...



DUAS FERAS, ARTISTAS DE "MUSIC-HALL"

A foto só mostra uma fera, mas, por detrás, está uma outra. É uma leoa e uma pantera, que se chamam, respectivamente, Sapho e Lina. Pois êstes dois simpáticos animais vão estreitar-se, agora, no "music-hall", em Paris, se o avanço dos americanos lhes der tempo para tal...

Sapho e Lina são dois artistas de categoria, segundo afirmam os entendidos. Mas não pensem que irão actuar como qualquer leoa ou pantera, em números de circo. Pelo contrário: Sapho e Lina cantam, acompanhando a sua treinadora (ou professora?) Mme. Zupart. Uma espécie de trio vocal...

EM Praga, um senhor cujo nome não interessa, comprou um pequeno carneiro de madeira e lá que dizia «Mé!» quando se lhe tocava. Era uma prenda para o seu filho, que ficara bem no exame.

O amoroso pai meteu o carneiro no bolso interior do casaco, junto à carteira, e dirigiu-se à «gare» Presidente Wilson, em Praga.

Mas... por aqui andava um famoso gatuno, Alois Skava, que se «entretinha» em pequeninos negócios de ocasião: apanhava carteiras, malas, relógios, tudo o que aparecesse.

Foi então que o Alois Skava viu um senhor risonho, com uma algeira do casaco muito cheia. Aquilo tentou-o, naturalmente...

Um empurrão, como quem não quer a coisa, e a mão ágil do nosso gatuno introduziu-se na algeira do passeante e agarrou um objecto.

— Mé! Mé!... — gritou o pequeno carneiro de madeira e lá.

O bom pai — pois era êle — agarrou o gatuno por um braço. Acudiu gente, polícia, etc. Skava foi preso. E o bom pai partiu, triunfante, a entregar ao seu filho o pequeno carneiro que lhe salvara a carteira.

Esta história, aparentemente sem interesse de maior, contamo-la de propósito para que possa dar alguma sugestão aos nossos fabricantes de carteiras. Não dizemos que fabriquem carteiras com um carneiro apenso, mas, pelo menos, podem colocar no fóro um dispositivo qualquer que, ao menor apertão, desate a badalar, avisando o portador da ameaça que pesa sôbre as suas ricas e extremosas notas...

Um comerciante esperto

Três estabelecimentos de confecção se instalaram, quasi ao mesmo tempo, na mesma rua, no mesmo quarteirão — pegados uns aos outros. O lojista da direita, para chamar a atenção da clientela, colocou uma tabuleta que dizia: «A casa que melhor vende no mercado».

O lojista da esquerda, então, replicou: «Ao mesmo preço, qualidade superior».

Ficava o lojista do meio. Afrito da vida, pensou durante uma semana: que réclame havia de arranjar? Alguns dias depois, eis que surge a terceira tabuleta, isto é, a do meio: «entrada principal».

Qual é a língua em que se fala mais depressa?

NO Japão, os sábios fizeram certa pausa nos «laboriosos estudos da guerra» para investigarem a «psicologia» das línguas vivas. Agora, terminado o seu trabalho, publicaram uma espécie de estatística das línguas, segundo o grau de velocidade na elocução com que se exprimem os povos. Em primeiro lugar vem a língua francesa, como a mais rápida do mundo. Mas é melhor dar a classificação geral das cinco primeiras classificadas:

1. — A língua francesa, com 350 sílabas por minuto.
2. — A língua alemã, com 250, no mesmo tempo.
3. — A língua inglesa, com 220.
4. — A língua russa, com 209.
5. — A língua sueca, com 225.

Não temos diante de nós a estatística completa, pelo que não podemos dizer que lugar ocupou a nossa neste campeonato original.

Bom humor



— Oiça, Joaquina, se o menino não queve dormir, traga-mo cá, que eu canto-lhe um bocadinho.

— Isso sim, minha senhora! Já estou farta de o ameaçar com isso e não consigo nada!



ELA — Eston ajita, filho, esqueci-me de fechar a torneira do gás!

ELE — Não te aflijas que eu, felizmente, esqueci-me de fechar a torneira do lavatório...



— Meu rico senhor, dê-me alguma coisa que há dois dias que não como nada...

— Coitadinho... Sente-se aqui e tome um aperitivo...

O «louva-deus» vai almoçar!...

QUANDO ouvimos falar de um leão ou de um tigre, sentimos logo um calafrio percorrer-nos o corpo. Um leão ou um tigre, não são nenhuma brincadeira. Que o digam os próprios e experimentados caçadores de feras!

Todavia, bem perto de nós existem «salteadores das florestas» tão ferozes ou mais do que o leão ou o tigre. É certo que não atacam o homem, mas, para certos outros animais, são mais perigosos ainda do que o leão ou o tigre podem ser para nós.

Não conhecem êsse animalzinho, da classe dos ortópteros, conhecido pelo «louva-deus»? O seu nome tem um travo irónico, e provém da posição que êle usa para caçar as suas infelizes presas, isto é, as duas patas unidas como se estivesse a rezar.

A sua cabeça gira sôbre uma espécie de anel, o que lhe permite movimentos tão subtis que os pacatos insectos que lhe hão-de servir de almoço ou de

jantar nem dão pela sua indesejável presença. Além disso, o espertalhão «louva-deus» usa ainda mil e um métodos de camuflagem, o que o torna bastante perigoso.

Estas fotografias, tiradas pelo Instituto de Zoologia de Berlim, mostram algumas fases de um almoço do nosso «louva-deus».

Aqui o vemos, «orando», à espera que o «menú» lhe apareça. Logo que descobre por ali perto um gafanhoto, deixa-se ficar, muito caladinho, à espera. E sabe esperar, diga-se à verdade, com uma paciência quasi evangélica.

O gafanhoto julga-se em segurança e aproxima-se do «louva-deus». Então, dá-se o inevitável. O nosso animalzinho estende aquelas compridas patas e, zás!, prende o gafanhoto, leva-o à boca, trinca-o voluptuosamente. E um instante depois, nada resta do incauto gafanhoto.

Finda a refeição, o «louva-deus», como bom gastrónomo que se preza, bebe um copo de vinho. Para isso, pega num bago de uva, como se vê na foto, e sorve-o.

Um pormenor curioso: o «louva-deus» pertence à categoria dos animalzinhos que, depois da noite nupcial, mata e devora o macho. Que belo exemplo de amor nos dá, às vezes, a Natureza!...



Rui Correia Leite, com todo o seu ar ingénio e infantil, está impondo a sua vontade a Arlequim. Em três meses instalou um drama no Nacional, colocou uma farsa no Trindade — e já nos anuncia uma comédia para o Ginásio. E sabem como se chama essa comédia? Chama-se Fim de semana. Particularidade: só se pode representar aos sábados e domingos.

SABER ANDAR



O dr. Júlio Dantas afirmava outro dia: — O lisboeta não anda: ondula, divaga. E, quando tem pressa, não marcha, atropela. Vamos ainda mais longe. O lisboeta, na rua, não ondula, não divaga, não atropela — carambola. Dá um encontro a um; com um choque recua e vai dar um encontro a outro — e assim sucessivamente. Não é um homem: é uma bola de bilhar — que se move à força de tacada.

FÉRIAS



Fernando Santos, pintor, bric-à-bracista, homem de teatro, é um infatigável trabalhador. Há tempos, o médico receitou-lhe repouso e o nosso Fernando não esteve com meias medidas: pediu quinze dias de licença, meteu as vísceras numa mala — e partiu para o Bom Jesus do Monte. Encontrámo-lo ontem, de regresso.

— Homem, você vem mais gordo!
— Pois venho. Engordei 30 gramas...
E, depois dum silêncio, aludindo às despesas:
— Engordei 30 gramas — mas deixei lá 3 «quilos»...

OS LOBOS



Os lobos andam esfomeados. A cada passo chegam à cidade noiticiando sobre os povoados, dizendo rebanhos, ameaçando os homens. A crise dos abastecimentos não poupa ninguém. Chega a todas as classes — e a todas as espécies. Nós conhecemos um sujeito que é Lobo. Pois este Lobo, apesar de viver na cidade, anda tão esfomeado que ainda ontem comeu um Carneiro — em 15 mil réis, num encontro de contas.

A COBRA



Os jornais anunciaram espalhafatosamente que na América uma cobra, tendo-se enrolado num cabo de transmissão eléctrica, provocara um curto circuito do qual resultou mergulhar na escuridão duas cidades. Já houve muito pior. A serpente bíblica, enrolando-se na árvore do pecado, lançou o homem nas trevas eternas. Simplesmente os jornais da época não falavam disso!

88 ANOS



Bernard Shaw — o grande humorista inglês — completou agora 88 anos. A idade não passa de um preconceito. Há sujeitos que aos seis meses de idade estão velhos; outros aos oitenta anos conservam toda a verde frescura da mocidade. É o caso de Bernard Shaw. Não nos admira nada que este homem forte de corpo e de espírito chegue aos 130 anos — é claro se não morrer antes!

ACTIVIDADE LITERÁRIA



O dr. Mário Gonçalves Viana é, verdadeiramente, um globe-trotter da literatura. Dá volta a todos os assuntos. Para ele o mundo intelectual não tem segredos. Agora mesmo nos envia dois volumes — Os varões, de Plutarco, e as Décadas, de João de Barros — prefaciados, anotados e comentados pela sua profunda e ao mesmo tempo elegante erudição. São páginas que ficam. E Plutarco e João de Barros, se ressurgissem, não deixariam de agradecer ao seu biógrafo, batendo-lhe familiarmente no ombro: — Obrigado, Vianinha, obrigado!

DÚVIDAS



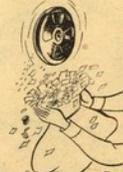
Vimos, há dias, no Cais do Sodré, junto da estação do Caminho de Ferro do Estoril, o dr. José Ribeiro dos Santos, com a sua inevitável mala de mão e o seu chapéu de palha airoosamente tropical. Não conseguimos, porém, saber ao certo se o distinto jornalista tinha chegado de Cascais — ou ia partir para Cascais.

EXPRESSÕES DE GUERRA



As guerras, entre outras coisas, criam uma terminologia especial. Por exemplo: a expressão «colmatar uma brecha»; «cavalaria motorizada», etc... Não falta quem diga mal das guerras, aliás com caradas de razão, mas temos de reconhecer que elas fornecem o seu pitoresco — até gramatical. Quando se criará nas Universidades a cadeira de Filologia Militar?

A MENINA DE OIRO



O realizador Artur Duarte, empunhando algumas folhas de papel manuscritas, mostrava, uma tarde destas, a alguns amigos, na Brasileira do Cbiado, o rendimento da Menina da Rádio, no São Luiz. Segundo o ousado realizador, a receita subiu de semana para semana e, de tal forma, que tiveram, a certa altura, de suspender a fita — por já não haver onde meter o dinheiro...



Caricatura de Zéco

LUMINOSIDADE

Deus fez o Sol com o teu olhar;
Deus fez as ondas com os teus cabelos;
Com a tua coragem fez castelos,
Fêz castelos na areia — e pelo ar...

Com o teu nome, fez o luar
Que é sorriso de noite ao caminhante,
E quem ia perdido — pobre errante! —
Já não anda perdido, a divagar...

Com o teu olhar fez o céu azul;
Com o teu vestido fez nuvens de tude;
Com a tua graça, o oiro que reluz;

Aqui te deixo, Hortense, o meu cartão:
Pode apagar-se o mundo, o mundo vão
Que tu serás eternamente... Luz!

ANTÓNIO POBRE

CHAPÉUS HÁ MUITOS!

CONVERSAMOS, dá dias, largamente, com o nosso amigo Martins, proprietário duma chapelaria que tem este nome, na rua da Misericórdia. Este nosso amigo Martins é o que se poderá chamar um autêntico sociólogo da chapelaria. A vida social do chapéu não tem segredos para ele.

— Amigo Martins, há, ac facto, uma crise de chapéus? — perguntámos-lhe, a certa altura.
— Não. O que há é uma crise de cabeças. Quere dizer: há muitas cabeças que, decreto por falta de ar, persistem em não querer usar chapéu...

— Apesar de tudo, ainda se vão vendendo?
— Sem dúvida. Mas moles... O chapéu de côco passou de moda. O chapéu alto foi banido como se fosse um autêntico canudo. Até o chapéu de

palha, de aba direita, o chamado «palhinha», que tanta graça e tanta frescura dava à cidade, esse mesmo entrou na história...

— E dos moles qual a côr predominante?

— Depende. No verão, o cinzento claro; no inverno, o cinzento escuro, o castanho e o preto.

— Como encara certas tendências para andar de cabeça à vela?

— Encaro com pessimismo. Não usar chapéu, primeiro, prejudica as chapelarias — e, depois, concorre para as sinusites. Além disso o chapéu é o complemento do vestuário. Um homem sem chapéu na cabeça deve andar logicamente em cuecas ou de tanga...

E com esta afirmação nítida e cortante como o aço, demos por finda esta entrevista de se lhe tirar o chapéu!

Evolução e renovação

REPRESENTOU-SE há dias em Lisboa um original português que, pela sua contextura, sala fora dos moldes normais. O autor, em entrevistas concedidas à Imprensa, fez notar que confiava no público, porque o cinema já o habituara a estes espectáculos, que não se amoldam a fórmulas seditas. E confessava, aliás, a influência que a tela exercera na obra que criara.

Estreou-se, a semana transata, no Coliseu, uma revista com primores de montagem jamais iguados. E um dos mais competentes críticos da nossa terra proclamou que o teatro ligeiro evolucionara nestes últimos anos, franca e progressivamente, e que o teatro declamado, por seu turno, continua a marcar passo, ameaçado de cristalizar, de um momento para o outro, possivelmente no sistema «orto-râmico», a julgar pela água que a nau vai metendo, com perigo evidente de sossobrar... E atribuiu esse sópro renovador à benéfica influência do cinema, que traz às nossas telas, em plena beleza, as mais graciosas e arrojadadas concepções, capazes de inspirar aquêles que tenham imaginação bastante para se não limitar a copiar, pura e simplesmente, os modelos estrangeiros.

Duas das melhores companhias de declamação que recentemente se organizaram em Lisboa, uma de carácter transitório, e outra com seqüência, devem a sua razão de ser a pessoas ligadas ao meio cinematográfico português. A última anunciou, como base do repertório, quatro peças que, nas suas versões cinematográficas, constituíram êxitos clamorosos.

Por outro lado, o cinema nacional vai buscar ao teatro as primeiras figuras dos «casts» e, de vez em quando, descobre nas anónimas fileiras dos artistas considerados injustamente de quinta ordem, autênticas revelações, que regressam, mais tarde, ao tablado com a categoria proporcional ao êxito conquistado nas suas intervenções cinematográficas. Preferimos não citar nomes, mas o leitor se espelvará a memória encontrará uma boa meia dúzia de exemplos.

E são ainda as grandes peças de teatro que fornecem, em Portugal e no estrangeiro, excelentes argumentos para os filmes.

O Teatro e o Cinema, até pela sua condição de espectáculos favoritos das multidões, têm interesses comuns e afinidades cada vez maiores. Possuindo meios de expressão nitidamente marcados e que diferenciam as duas artes — uma milendria, outra à beira de comemorar as suas bodas de ouro — podem inspirar-se mutuamente nos seus melhores e mais louváveis aspectos.

Houve tempo em que era moda a gente de teatro depreciar o cinema, intruso que aparecera na lida do espectáculo, e que arrastara atrás de si as multidões. Hoje, encarado o problema com serena imparcialidade, verifica-se que as duas formas de espectáculo não se negam mutuamente e, muito pelo contrário, cabem até nas preferências da mesma pessoa.

E não deixa de ser grato ver o mundo teatral reconhecer, na sua Arte, a benéfica influência do cinema — tanto mais que este sempre acolheu com júbilo a colaboração preciosa e as fontes inspiradoras do teatro.

FERNANDO FRAGOSO

O major James Stewart foi condecorado

LEMBRAM-SE dele, não é verdade? O famoso galã que vimos em «Casamento Escandaloso», em «Peço a Palavra!» e noutros filmes de igual categoria, é hoje o major aviador James Stewart e faz parte de uma esquadrilha americana de bombardeiros pesados, que tem a sua base em Inglaterra!

Muitas pessoas ainda não se deram conta de que a realidade é uma coisa — e a publicidade outra. E, assim, supõe que os mais célebres galãs de cinema vestem a farda por uma questão de propaganda, ou, quando muito, se limitam a desempenhar missões em que não comprometem a vida.

Pura ilusão! James Stewart, um dos primeiros actores do mundo, é apenas um soldado americano como outro qualquer. E que assim é, que o seu «Liberator» vai a toda a parte e corre todos os riscos, prova a foto que hoje damos. Ela documenta, para a posteridade, o acto da aposição da Medalha do Valor Militar, na farda de James Stewart, como prémio dos feitos por ele praticados nos «raids» a Berlim, Brunswick, Francfort e Kiel.



Greer Garson e Richard Ney, mãe e filho em «A Família Miniver», marido e mulher na vida real, fotografados recentemente em Hollywood.

O coração de Greer Garson torna a pulsar ansioso pela sorte de Richard Ney

GREER Garson e Richard Ney encontraram-se, pela primeira vez, quando das filmagens da «Família Miniver». Nunca, até então, se haviam visto. E entre os dois nasceu um afecto irresistível que, de dia para dia, se afirmou cada vez mais. No filme, não tinham que viver cenas de amor. Ela era a mãe. Ele o filho. Greer Garson personificava a firme determinação, a fria coragem da mulher inglesa que lhe permitiu arrostar os dias negros da batalha de Londres. Richard Ney encarnava essa juventude brilhante que subiu aos céus para dar combate ao invasor, e supriu, com o entusiasmo e a perseverança, a inexperiência própria daqueles que não viviam com os olhos postos na guerra — numa guerra secretamente preparada durante longos anos.

Greer Garson, no filme, estava em contínuo sobressalto pela sorte do filho. E quando sobre a sua casa os aviões nocavam, procurava, ansiosa e febril, descortinar, entre todos, o sinal convencional que marcaria o regresso feliz dos «raids» levados a cabo ao território inimigo.

Logo que o filme acabou, os dois artistas casaram-se. Richard era alguns anos mais novo do que sua mulher. Que importava? Sentiam-se felizes! Mas o trágico destino que uniu os dois, perante as câmaras de filmar, prolongou-se na vida. Pouco tempo após o noivado, Richard Ney foi chamado a prestar serviço militar — e partiu para longínquas missões. Greer Garson tornou a sentir sobressaltada os perigos da guerra. O seu coração de mulher vibrou mais uma vez ansioso pela sorte do mesmo homem, ontem simuladamente por um filho que não era seu filho, hoje sinceramente pelo seu marido, à face de Deus e dos homens.

A sua lua de mel não findou ainda.

Está apenas suspensa e aguarda para consumir-se o termo das hostilidades. E a gravura mostra-nos os noivos, confiantes e felizes, durante as curtas horas que passaram juntos em Nova-York, entre duas escalas de uma longa jornada.

São capazes de rectificar estas 10 afirmações erradas?

FAZEMOS abaixo dez afirmações. Todas elas estão erradas. O leitor será capaz de as corrigir? Se conseguir responder as coisas no seu devido pé, ficará aprovado com distinção. Mais de sete respostas certas — é um bom resultado. Cinco, apenas suficiente. Menos de cinco — reprovação.

- 1 — A primeira sessão de cinema, para apresentação pública do invento de Lumière, realizou-se na noite de 28 de Março de 1895.
- 2 — Greta Garbo é casada com Leopoldo Stokowsky.
- 3 — Bette Davis tem 56 anos.
- 4 — O primeiro filme de Greta Garbo foi «A Rua sem Sol».
- 5 — O primeiro cinema em Portugal a apresentar o filme sonoro foi o São Luiz.
- 6 — «O Patriota», o famoso filme de Lubitsch, interpretado por Emill Jannings, passava-se em França, durante a Grande Guerra.
- 7 — Dorothy Arzner é uma das mais famosas atrizes de composição do cinema americano.
- 8 — Vivien Leigh, a vedeta de «E tudo o vento levou», estreou-se em Londres, como vedeta de teatro, antes de aparecer no cinema.
- 9 — Pasteur foi personificado, no filme «A vida de Pasteur», por Edward G. Robinson.
- 10 — O grande actor irlandês Walter Pidgeon foi o principal intérprete de «Viva Villa!».

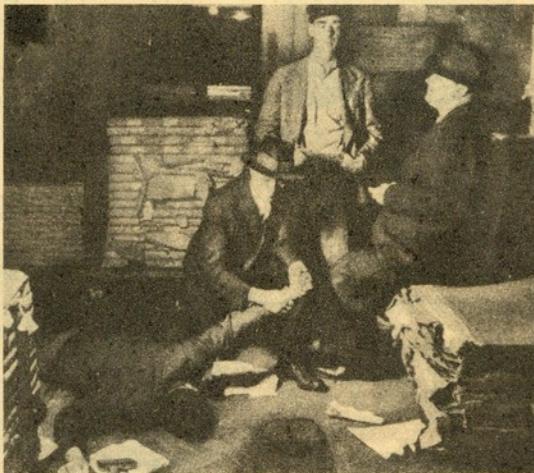
(Resposta na pág. 21)

PROBLEMA N.º 13

Mataram-no ao amanhecer

O êxito dos nossos problemas mantém-se — ou, antes, aumenta de número para número. E isto desvanece-nos tanto mais, quanto é certo que muitos dos problemas — como o último — exigem uma grande soma de perspicácia. No entanto, os nossos solucionistas mostram-se tão interessados — aumenta sempre o número de vencedores — que nos animam a tentar a publicação de problemas sempre melhores, que é como quem diz: sempre mais difíceis.

As soluções do problema n.º 13 devem estar na nossa redacção até ao dia 31 do corrente.



1. Mal rompia a madrugada, e já o inspector Cobbe se encontrava no armazém da Alfândega, na margem do Tamisa, interrogando o guarda-nocturno Charley Nigel. Sobre o cadáver de Fred Gerard debruçava-se o médico legista. O guarda, que assegurava não ter tocado em cada um dos objectos, disse que Fred morrera pouco antes, vítima de um tiro de revólver que lhe atingira o peito, acrescentando: «Fazia a minha ronda lá em balcão, quando minha mulher me chamou. Corri a atendê-la mas, de repente, ouvi dois tiros e Fred, erguendo as mãos, caía desamparadamente, enquanto um vulto deslizava pela porta detrás do armazém. Então, corri ao telefone e apressei-me a comunicar o facto à policia».



2. Cobbe, depois desta explicação, foi ao telefone e chamou o chefe do armazém, que se apressou a informar o desaparecimento de dois cofres pequenos, contendo 1.500 libras em papel. O inspector desligou e foi curvar-se, por sua vez, sobre o cadáver de Fred, que apresentava as mãos crispadas. Pelo exame feito à chave, presa entre os dedos do morto e que era do sistema de relógio, Cobbe chegou à conclusão de que Fred terminara a ronda às 4 horas da madrugada.



3. Entretanto, verificava-se, pelo exame feito ao revólver encontrado junto do cadáver, e que pertencera a Fred, que uma bala tinha sido disparada. Por outro lado, logo nessa manhã, era encontrado, abandonado, um automóvel de luxo em Long Acre. Dentro, estavam os dois cofres desaparecidos, mas sem dinheiro. Então, o sargento Cartava as mãos crispadas. Cobbe nas suas investigações, murmurou: — «Nenhuma pista!».

— Mas Cobbe sorriu: — Devagar, meu amigo! Vou prender Nigel.

Por que? Que razões tinha o inspector para o prender?

(Veja a solução no próximo número)

CORRESPONDÊNCIA

ALBERTO DE OLIVEIRA (Lisboa) lança um reptio a «A CURIOSA LILI MAIA (Figueira da Foz), pois que tendo começado na mesma ocasião e possuindo actualmente igual número de problemas resolvidos, mostram possibilidades de travar uma interessante competição nos problemas futuros. Os meus votos de êxito a ambos.

ARTUR VARATOJO (Lisboa) — No problema n.º 2 houve Mérito Absoluto e Mérito Relativo. Essa distinção apenas se faz em alguns problemas, e não em todos.

R. P. e MANUEL MORAIS (Lisboa) — Desculpem só agora responder. Mas esta resposta está atrasada na redacção há duas semanas. O melhor que têm a fazer é assinar a revista durante o tempo em que estão longe de Lisboa. E férias felizes!

JOÃO ALBERTO GOUVEIA (Lisboa) — Muito obrigado pelas suas amabilíssimas palavras. Agradeço e retribuo o abraço. Foi pena você ter falhado no problema n.º 11. Mas não desanime... A luta pela scamisola amarela — de que você já foi detentor — ainda não terminou.

ÁILEMAIRAM (Lisboa), SAPEX (Maceira — Liz) e CHARLIE CHAUBERC (Lisboa) — Como conseguiram ver que o vestido de Gretchen era diferente? Enganaram-se.

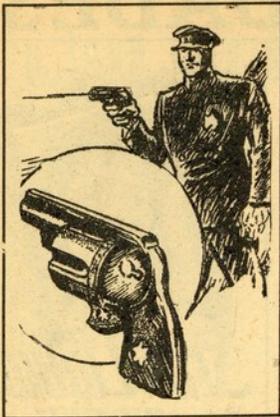
MIMI (Viana do Castelo) — Desta vez errou, mas não desista. Uma detective tem de ter coragem... e persistência!

REPORTER MISTERIO

só poderia ter sido amarrada depois da morte de Lew.

3.º — Indiscutivelmente, Lois não se poderia ter amarrado e amarrado à cadeira sózinha. Daí a certeza de ela possuir um cúmplice.

Assim, partindo desses três pontos, Cobbe acusou deliberadamente a ballarina e ela, submetida a um interrogatório apertado, confessou a verdade: «com a cumplicidade dum criado do «Magpie» quisera roubar um grande pacote de cocaína que estava no cofre de Jacke Lew. Enquanto o criado procurava abrir o cofre, Lois vigiava a porta. Jacke Lew surgiu, de repente, e para não ser apanhada em flagrante, Lois deixou-o entrar e apunhalou-o imediatamente pelas costas. Depois, de combinação com o cúmplice, arranjou a «farsa». Mas esqueceu-se de alguns pormenores e, sobretudo, do pormenor do cinto...»



Revólver de gás

Aqui têm os nossos leitores o novo modelo de revólver de gás, com tambor de cinco cartuchos. Esta arma, considerada a última maravilha no seu género, foi apresentada na Convenção Internacional dos Chefes de Polícia.

Segundo as melhores informações, baseadas em experiências práticas, o gás age a pequena distância e não produz efeitos tóxicos nocivos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12

Três pontos principais serviram de base ao inspector Cobbe para acusar a ballarina Lois:

1.º — Era praticamente impossível a um só homem, de pistola em punho, prendê-la e amarrá-la, como ela declarou.

2.º — Lois mentiu quando afirmou que fora atacada e amarrada à cadeira, antes da entrada de Jacke Lew. E mentiu pelo seguinte: na foto 1 vê-se Jake Lew envergando uma gabardina com cinto. Na foto 3 a gabardina não tem cinto. Mas, precisamente, na foto 2 Lois está amarrada à cadeira com o cinto da gabardina de Jake Lew. Portanto, Lois

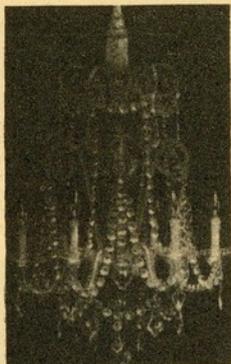
Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 11 (Por ordem alfabética)

- | | |
|--|---|
| (7) A Curiosa Lili Maia (Figueira da Foz). | (10) Leiria Dias (Lisboa). |
| (8) A. F. da Costa e Castro (Pórtó). | (4) M. (Algés). |
| (7) Alberto de Oliveira (Lisboa). | (8) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros). |
| (5) Alberto de Penamacor (Coimbra). | (8) Manuel R. Morais (Lisboa). |
| (5) Alto Rui (Lisboa). | (5) Mário Claro da Silva (Pórtó). |
| (8) Amador X (Lisboa). | (6) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa). |
| (2) Anita-João (Pego do Altar). | (3) Mr. Moto II (Lisboa). |
| (2) António C. Bernardo (Lisboa). | (7) M. S. A. (Coimbra). |
| (6) Arturo Silvani (Lisboa). | (10) Natércia Pereira Lette (Lisboa). |
| (4) Boaventura Martins (Crestuma — Carvalhos). | (3) Nick Carter Jr. (Lisboa). |
| (3) Carlos Alberto Fábilo (Lisboa). | (2) O Cavaleiro da Triste Figueira (Alhandra). |
| (7) Detective de Calças (Braga). | (8) O Falcão (Pórtó). |
| (4) Detective de Salas (Braga). | (2) O Homem do Cachimbo (Lisboa). |
| (3) Ele e eu (Lisboa). | (2) O Lobo Solitário (Pórtó). |
| (4) Fanasha (Coimbra). | (1) O Vingador (Lisboa). |
| (9) Fernando Edgar Trigo (Ermezinde). | (2) Par Invisível (Lisboa). |
| (1) Fernando Rosa (Leiria). | (4) Penodete (Lisboa). |
| (1) G. Branco de Miranda (Mem-Martins). | (8) Rapsang (Lisboa). |
| (8) Henrique Fernandes (Estremoz). | (4) Repórter n.º 8 (Laranjeiras). |
| (10) Israel Ferreira (Lisboa). | (7) Repórter X... (Lisboa). |
| (6) Ivone Costa (Lisboa). | (8) Rodavilas (Evora). |
| (4) Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera). | (5) Rómulo (Lisboa). |
| (2) José Bálamo (Lisboa). | (7) R. P. (Lisboa). |
| (3) José Luís Ferreira Alves (Pórtó). | (7) Scharro (Alcobaga). |
| (1) José Mário (Paredes). | (3) Solitário (Lisboa). |
| (2) Joseph Fouché (Lisboa). | (8) Teimoso n.º 1 (Loulé). |
| (2) J. Simões (Caldas da Rainha). | (2) T. P. Mistério (Lisboa). |
| | (4) 3 Sombras (Lisboa). |
| | (10) Zirteba (Lisboa). |

(Os algoritmos entre parêntesis indicam o número de problemas resolvidos desde o início desta secção).

PAGINA DAS UTILIDADES

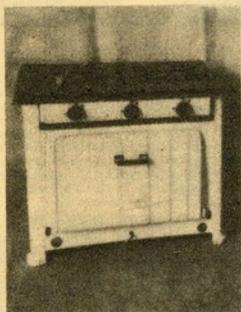
Os lustros para as decorações de bom gosto



Abajures, castiçais e candeeiros de madeira

J. R. de Brito
FABRICANTE
Rua Luiza Todi, 2
(à Rua de D. Pedro V)
Telef. 20487 LISBOA

Fogões a gaz com forno circular
Fogareiros e fogões a lenha ou
a carvão
Artigos económicos e de boa
construção



A pronto e com facilidades
de pagamento

J. Costa & Silva, L.^{da}
RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.º
LISBOA — TELEFONE 26713

*Quere artigos
de boa qualidade
a bons preços?*



Visite a **CUTELARIA REIS**
ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS PARA BRINDES
CUTELARIA / PERFUMARIA

RUA IVENS, 48 LISBOA Telefone 27217

Máquinas de costura



HUSQVARNA

uma perfeição
da indústria sueca

Vendas no «Stand» da Feira
Popular, a pronto e prestações.

CASTRO & SOUSA, L.^{da}
P. dos Restauradores, 13, 3.º
LISBOA Tel. 29888



SEDA LIQUIDA
DE "NOSEL"

Um penteado moderno e elegante com o cabelo brilhante, bem ondulado e de fixação perfeita.

NOSEL, LD.^s, Calç. de Santos, 9

LISBOA
TELEF. 60092

Decore a sua casa com
economia e bom gosto
com lustros e candeeiros
C. MILLER em vidro,
metal, louça, madeira,
etc.



À venda nas boas casas

Fabricante **C. MILLER**
6 — Rua Eduardo Coelho — 8
Telef. 28813 LISBOA

Peça na sua papelaria
Produtos «HORUS»
Tintas para escrever,
colas, lacres e papel
químico

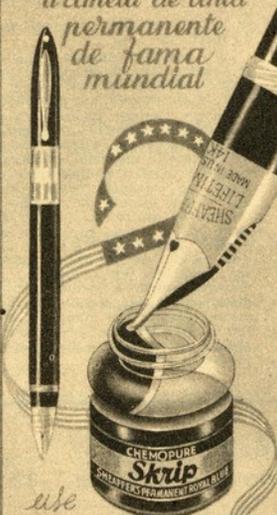


MOISÉS & REIS, L.^{da}

Fábricas: Travessa das Águas Boas, 11 — Telef. 58-497
Rua Fábrica da Pólvera, 22-A — Telef. 81-691-LISBOA

prefira
SHEAFFER'S

a caneta de tinta
permanente
de fama
mundial



Skrip

O SUCESSOR DA TINTA



OUVIR UM **LUXOR**
é um sonho!

Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa
Tel. 24888

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

Não teve interesse a corrida do Campo Pequeno

O primeiro lance da corrida do dia 17, no Campo Pequeno, podia ter resultado uma página trágica para a história do toureio em Portugal. A colhida do simpático José Casimiro, ao tentar cravar o primeiro ferro da tarde, foi das coisas mais emocionantes a que temos assistido em praças de touros. O cavalo parou inexplicavelmente e, alcançado pelo adversário, foi atrado ao ar, caindo depois, pesadamente, no solo, bem como o cavaleiro, que, num rasgo brioso de toureiro, voltou à arena para continuar a lide, após ter-se desembaraçado dos braços que o levavam a caminho da enfermaria. Em tais condições, não pôde José brilhar, muito embora mostrasse a melhor boa vontade. O público, que soube compreender a attitude valorosa do pundonoso cavaleiro, aplaudiu-o com delírio.

Impossibilitado José Casimiro de tourear o 5.º touro, deu lugar a uma reconstituição da lide à portuguesa, a pé, nas antigas touradas. Por que se não aproveitou esse touro para que Augusto Gomes o lidasse nos três «tercios»? Bem o merecia Augusto, e talvez — quem sabe? — da vontade que por certo poria na lide resultasse animação para o resto da corrida, onde quasi tudo foi triste e incolor.

Os touros do sr. Pinto Barreiros não foram bons — antes, pelo contrario. Difíceis, alguns tinham até mau estilo e todos se fartaram de pedir varas, mas mesmo assim podiam e deviam ter sido toureados, na verdadeira acepção da palavra, e isso só o fizeram os bandarilheiros das «quadrilhas» e «El Estudiante» num pedaço da «faena» do segundo touro. Fora isso, o que vimos foi lidar as rezes absolutamente ao contrario do que elas pediam, quasi sempre por alto e, portanto, longe dos bons principios. Admittimos e somos até partidários do toureio estilo, do «temple», da «estátua» em que «Manolete» é exímio, mas isso quando para tal se prestem os touros.

Quando não sejam francos no investir e não «passem» com a sua-

vidade desejada, então há que tourear sem grandes adornos, mas com a efficácia necessária para que fiquem bem esclarecidos o lugar do touro e do toureiro.

«Estudiante», toureando de «muleta» o seu primeiro, mostrou que basta ser valente para que toda a gente reconheça que quem toureia é o homem e não o touro, — o que não aconteceu com «Manolete» no 4.º, nem com «El Soldado» no sétimo. «Estudiante» apertou-se ainda em «gaoneras» desenhadas com sabor toureiro.

Luís Castro, o mexicano que o público esperava, recordado ainda das suas brilhantes actuações na mesma praça, não nos mostrou com o capote mais que uma «chicuelina», e na «faena» de «muleta», no terceiro touro, conseguiu três passes estatúrios, mostrando valentia e pequenos detalhes de bom toureiro. Teve, além disso, um par de bandarilhas aceitável entre os cinco que cravou, procurando quasi sempre vantagens — e foi tudo.

«Manolete», no oitavo, apanhando o touro menos mau da corrida, fez uma «faenita», onde de mistura com coisas mais teve dois «naturais» estu-pendos, um deles agüentando barba-ramente, e umas «manoletinas» em que dispensou a pampina de olhar para o público porque o touro era de tanto sentido que o colheu com certo aparato. Como voltou à lida com relativa valentia, ouviu palmas.

De tudo, e em conjunto, salvou-se a brega. Essa, sim, que esteve de uma maneira geral entregue a quem sabia pegar num capote. A altura dos bons piões espanhóis que constituíam as «quadrilhas», estiveram Pepe Guisado, incansável e acertadíssimo no 3.º touro, e Augusto Gomes que, no 7.º, se mostrou irreprensível, colocando e correndo a uma mão. Na lide à portuguesa, distinguiram-se, também, Procópio e António Correia. Registe-se ainda bons pares de Oliveira e Gomes, e dois aceitáveis de António Dias. A direcção da corrida fazendo parte das coisas pouco boas da tarde.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

Gregório Garcia partiu para Espanha

Antes de tomar o avião que o levou a Espanha, o valente e popular mexicano Gregório Garcia quis distinguir «Vida Mundial Ilustrada» confiando-lhe o seu adeus à «afición» portuguesa. Com votos sinceros de que boa sorte o acompanhe por terras espanholas, gostosamente o fazemos, reproduzindo o documento que nos deixou:

Por medio de la Vida Mundial Ilustrada, importantísimo documento portugués que se apega a la verdad, en visperas de salir a España donde torearé al quedar solucionado el conflicto Hispano Mexicano, quiero decir un "hasta luego" a el público tauromo de Portugal a mis grandes amigos (que son muchos) y a mis detractores que me han dado fuerza para poder con todos los toros.

VIII-12-44.

Gregorio Garcia

TOIROS

COMENTARIO

Coisas que o vento levou e outras que o vento trouxe, não se sabe de onde

A corrida de touros, na sua fúria evolucionadora, tem passado por fases tão distintas que, coisas passadas há relativamente pouco tempo, nos parecem já duma época anterior à nossa. Quem veja touros há cerca de 20 anos, nota-o perfeitamente. Há quanto tempo não vemos a «casa da guarda» pelos valentes forçados? E desde quando a alegre azémola, trazendo o calzote das farpas, não atravessa a arena, rodeada pelo grupo de pegadores que deixava ficar o «cabo» no meio do redondel, naquele mesmo sitio onde hoje citam para a pega os amadores de Montemor e Santarém? Fazem idéia de há quantos anos os cavaleiros deixaram de empoar o cabelo?

Tudo isso mudou, no dizer dos entendidos, para despir o toureio de fantasias escusadas, isto é: para o tornar sério. Esquecem-se, no entanto, que o mais sério elemento da corrida — o touro — está cada vez menos perigoso e digno de respeito.

Em contrapartida, modernismos que fazem rir: o traje de Albain, matizado a sédas, tão pouco toureiro como o seu penteado; o traje de prata em matadores «alternativos» que cobram montanhas de ouro, etc., etc.

Dentre as coisas que era motivo de interesse público e hoje ninguém acceitaria: a divisão da arena para a lide de dois touros ao mesmo tempo.

O curioso documento que reproduzimos — uma entrada de camarote para a antiga praça do Campo de Sant'Ana — dá uma idéa do interesse que envolvia tal género de espectáculos que, segundo informações, se realizou pela última vez em Valência, pouco antes da guerra civil.

Tão bizarra maneira de fazer touradas, embora nos pareça velharia de tempos remotíssimos, ainda a vimos no Campo Pequeno!

E a velocidade do mundo, o dinamismo da vida actual que nos faz esquecer que, na nossa meninice, o tachimetro era a tipóia, e o telefone o moço de fretes, nesses dias em que ainda lamos ao «animatógrafo».

E temos apenas trinta e poucos anos!...

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA

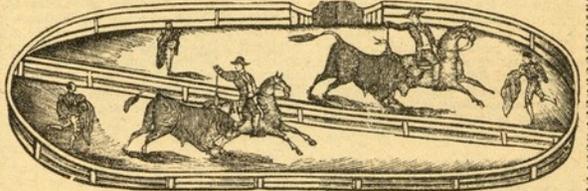
DOMINGO 3 DE OUTUBRO DE 1879

EM BENEFICIO DE JOÃO R. ALEGRIA

APPARATOSA CORRIDA DE 16 TOUROS

TODOS PUROS. PERTENCENTES AO ILLM.º SR. JOSE DA MOTTA GASPAR

A PRAÇA SERA DIVIDIDA AO MEIO PARA SEEM CORRIDOS DOIS TOUROS AO MESMO TEMPO



CAMAROTE PEQUENO DE 2.ª ORDEM N.º 52

25500 RS.

CAPOTAZOS

EMBOLAÇÕES METÁLICAS

ARTE E TÉCNICA



em beleza por o touro se apresentar menos deformado?

A infeliz colhida de José Casimiro demonstrou que as probabilidades de perigo aumentaram pouquíssimo, mas mesmo assim não se sentiu uma emoção diferente? No próprio interesse dos cavaleiros, porque não estabelecer esse uso como regra geral, até que todos se resolvam a lidar os touros em hastes limpas, embora com as pontas serradas?

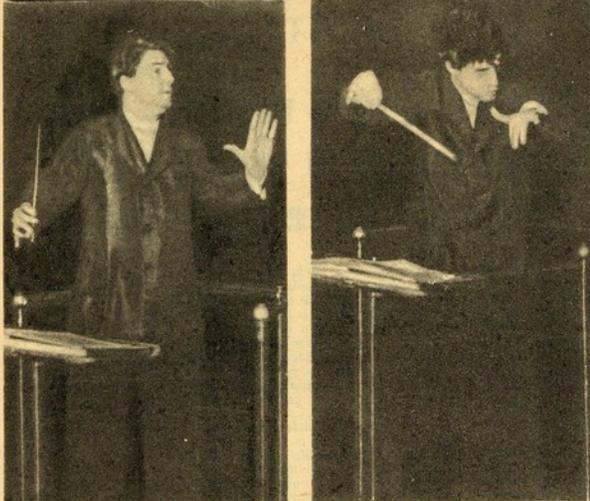
O problema tem mais interesse e actualidade que à primeira vista parece.



Consta que ainda esta temporada será apresentado numa das praças de Lisboa o novilheiro português Diamantino Viseu, que depois seguirá para o México.

Temos a impressão que agradará aos lisboetas e que no México encontrará facilidades para a realização dos seus desejos.

Dentro das modernas tendências, em que mais se aprecia o estilo do toureiro que o conhecimento da lide, Diamantino possui excepção nas condições para triunfar. Mas porque alguns touros têm muito que tourear e não é com estilo que se dominam, bom é que Viseu erga a sua personalidade toureira servindo o coração e o cérebro — com estilo sim, mas sem desprezar a técnica dos lances e conhecimento exacto dos touros.



As duas atitudes do Maestro

ESTAS duas fotografias revelam-nos a personalidade de John Barbiroli, o grande e genial maestro que sucedeu a Toscanini como director da Orquestra Filarmónica de Nova-Iorque.

Na primeira, vemos o Barbiroli calmo, sério, atento, no início dum dos seus programas.

Mas depois — depois, na segunda foto — já nem parece o mesmo Barbiroli. Ele transfigura-se, enquanto dirige, acompanhando todos os trances das composições.

«É um director que vive a música» — como certo crítico o definiu. E fica assim, quasi monstro, mas sempre genial...

À ESCUTA

VOZES RADIOFONICAS

O assunto é já batidíssimo. Mas, apesar disso, insistimos, porque lá diz o velho adágio: «Água mole em pedra dura...».

De vez em quando escutam-se uns senhores que falam ao microfone dos postos amadores da capital. E, na sua maioria, as vozes desses senhores são simplesmente detestáveis. Porque se permite, então, que eles continuem a massacrar-nos os ouvidos?

Que sejam valdosos — está bem; que gostem de discursar — está bem; agora que nos obriguem a aturá-los — está mal!

E impõe-se, duma vez para sempre, que a censura radiofónica estenda a sua missão ao ponto de não permitir que esses senhores falem ao microfone. Podem escrever,

podem pagar para que lhes façam propaganda do nome — mas não falem, pelo amor de Deus. Pelo menos, não falem!

SERÁ POSSIVEL?

Consta — e isso já é duvidoso... — que no próximo inverno se realizará a fusão de três estações particulares e que o bloco resultante terá o objectivo de conseguir certas régalias para as suas emissões, pois elas destinam-se a seguir os melhores padrões estrangeiros. Será possível? Oxalá que sim — mas...

UM ALVITRE

Porque não se estabelecem uns determinados prémios para os melhores trabalhos radiofónicos apresentados durante cada ano? Seria, simultaneamente, um estímulo e uma recompensa...

REPORTER DOIS

Televisão

milhões de pessoas poderão assistir em sua casa, à assinatura da Paz



CONVERSAMOS, há bem poucos dias, com um jornalista estrangeiro de passagem por Lisboa, a caminho de Londres. Conversa absolutamente particular, sem o mínimo aspecto de entrevista. Prometemos guardar sigilo das declarações feitas — e cumprimos essa promessa até um dia — um dia que não virá muito longe, supomos...

Contudo, não podemos deixar de aproveitar algumas coisas que o jornalista estrangeiro disse sobre o desenvolvimento da televisão. E porque isso não tem carácter particular nem perigoso, aqui explanamos alguns dos seus pontos de vista.

Na opinião desse jornalista, milhões de pessoas de todo o mundo, de todas as raças e de todas as religiões, poderão assistir em suas casas à assinatura da paz universal.

Preparam-se, na verdade, as coisas para que sejam tomados documentos vivos do maior acto diplomático dos tempos modernos. E será assim, a primeira vez em que a televisão anunciará oficialmente um acontecimento de excepcional importância.

Enquanto no salão fechado os representantes de todas as nações assinam, com a solenidade devida, o documento da Paz, a dezenas, a centenas de quilómetros, homens e mulheres de todas as profissões e de todas as classes poderão ver as mãos dos signatários, as penas de ouro e as letras sagradas...

Mas será isso mesmo realizado? Não sabemos ainda. É possível — mas não é certo.

Nun ponto, porém, estão todos os técnicos de acôrdo: após a guerra, a televisão ocupará imediatamente um lugar de primeiro plano.

Trabalha-se para isso, afanosamente, há já bastante tempo. E tudo está pronto para que essa grande magia do nosso tempo entre no campo esplendoroso das realidades práticas e populares.

E, assim, passar-se-á a ter em casa o cinema e o jornal filmado. Mas que nos oferecerá então o futuro? Outras coisas mais belas e mais maravilhosas ainda, por certo.

Em França calcula-se que os modelos mais simples, com um ecrã de 25 por 30 centímetros, estarão ao alcance de todas as bolsas médias. E, entretanto, por 5.000 francos já se poderá ter um aparelho de luxo, com imagens grandes e nítidas.

Problemas vários se levantam ao redor do futuro desenvolvimento da televisão. Um deles, dos mais capitais, é a necessidade de filmes para alimentar o apetite dum pósto de televisão. Basta dizer que um pósto trabalhando das 8 horas da manhã às 2 da madrugada precisa de, pelo menos, 27.000 metros de filme. E este é um grande problema. E parece-nos provável que, em virtude da televisão, a indústria cinematográfica deverá dobrar ou triplicar o seu pessoal e multiplicar a sua força realizadora e criadora.

A televisão virá trazer também novo campo à publicidade. Novos processos hão-de nascer — na luta sem tréguas que os produtos estabelecem entre si.

E, finalmente, poder-se-á realizar a antecipação curiosa apresentada por um notável escritor: «de manhã, a dona de casa, diante do seu aparelho de televisão, escolhe no catálogo «televisado» dos grandes magazines as coisas que mais lhe interessam, tanto para as refeições como para o vestuário, como ainda para a beleza propriamente dita».

Ah, pobres avoizinhos, que caras fariam se pudessem assistir a isto...

REPORTER DOIS

Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes sãos e hols terá V. Ex.ª na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

Preço: Tubo médio 10\$00
» » grande 15\$00

FIGURAS DA RÁDIO



Esta é Rosa Scartuchic, de Rádio Bari, que transmite diáriamente a todo o mundo as mensagens dos soldados italianos. Eis o casal a que se deve o programa indiano da B.B.C. Ambos são indianos de nascença, uno-os um grande e longo amor, e apresentam a já célebre recista radiofónica que todo o mundo tem ouvido: «Representemo-la nós próprios». Enquanto Dick Powell ensaia, Judy Garland, horrorizada, tapa os ouvidos, e Gene Kelly faz uma cura de sofrimento...

NOTAS

RÁPIDAS

Cais do Sodré — 1915

III

SEMPRE que, por aqueles tempos de navegação difícil, entrava no nosso porto algum barco estrangeiro, apareciam caras novas no Royal. Um dos transatlânticos que conseguiu, durante toda a guerra, manter regularmente a sua carreira Marselha-Lisboa-Nova-York e volta, sem que os submarinos lhe causassem dano, foi o «Roma» da Fabre Line. Era, para a época, um esplêndido vapor; e calhambeque que fosse, bastava a sua sorte em escapar aos torpedamentos para o tornar magnífico...

Eu e o Reinaldo Ferreira travámos conhecimento com um telegrafista de bordo, logo no começo da guerra, há quasi trinta anos. Não me recordo de momento o nome da rapaz. Mas estou a vê-lo: muito novo ainda, uns dezassete ou dezóito anos, levemente moreno, olhos esverdeados, baixo, atarracado e afável como um bom francês. Natural de Dijon, onde tinha família, falava-nos muita vez da mãe, com ternura e comoção, pois todo o seu receio era ser torpedeado, deixando-a ao desamparo.

O rapaz de Dijon deixara de ser um conhecimento do Royal, para se tornar um íntimo de nossas famílias. Sempre que tocava em Lisboa, visitava nossas casas, jantava connosco e sentia entre nós um aconchego de lar, que recordava o do seu, distante e saudável.

O jovem telegrafista, quando nos visitava, não escondia o seu receio de ser torpedeado. Já escapara tanta vez, e aquela zona do Atlântico era tão vigiada por submarinos... Mas não, o «Roma» escapou da guerra.

O rapaz, porém, é que, não se fiando em tanta sorte, mudou de barco. Pediu transferência para um navio que só fazia carreiras dentro do Mediterrâneo, fortemente vigiado pelas esquadras inglesa, francesa e italiana.

Pois, decorrido pouco tempo, tivemos, de chofre, notícia de que o seu navio fôra torpedeado. Pobre amigo de Dijon! Pobre camarada que tanto receava deixar a mãe ao desamparo!...

Por vezes, o excesso de precaução engendra o desastre. O «Roma» continuou, mesmo depois da guerra, a visitar o nosso porto. Sempre que via o seu vulto claro e elegante sulcar, já em época de paz, as águas serenas do nosso Tejo, lembrava-me de que o bom amigo de Dijon bem poderia vir lá dentro e trazer-nos uns relógios e umas meias para nos ajudar a viver.

MARIO DOMINGUES



O Chefe do Estado e o sr. Presidente do Conselho com alguns ministros e sub-secretários, foi no domingo ao Estádio Nacional assistir à magnífica exibição dos novos soldados. O desfile, os cânticos, os números de ginástica, as provas desportivas — tudo isso foi uma sagração prova de disciplina e de aproveitamento cívico ministrado nos quartéis aos soldados portugueses.



Foi no gabinete do sr. ministro do Interior que o sr. dr. Francisco Manuel Cirne de Castro tomou posse, há dias, do cargo de governador civil do distrito de Aveiro, depois de ter dado as melhores provas do seu valor, como chefe do distrito da Guarda. O sr. dr. Mário Pais de Sousa fez o elogio do empossado, que vemos na foto no momento em que lia o seu compromisso de honra.



As relações desportivas entre espanhóis e portugueses mantêm-se num expressivo plano de camaradagem e compreensão. A festa que a Associação Naval ofereceu ao Clube Náutico de Vigo, para lhe agradecer a excelente forma como recebeu os velejadores portugueses, em 1942, excedeu quanto de expressivo possa dizer-se. Damos da festa um aspecto, na altura em que se descerrava uma lápida comemorativa.



Os médicos que prestam serviço no Hospital da Marinha ofereceram, há dias, ao director daquele estabelecimento, o capitão de mar e guerra sr. dr. Emílio de Tovar Faro, um almôço no Tamariz como demonstração de distinta admiração e subido apreço em que têm as suas invulgaridades de trabalho e inteligência. Na foto vê-se o homenageado quando agradeceu a homenagem que acabava de lhe ser prestada.

FALA-SE
ESTA SEMANA

HELENA DE ARAGÃO



«Coração ativo» é o título do último romance da sr.^a D. Helena de Aragão — uma escritora que conquistou na nossa literatura de ficção um lugar bem justo e a altura das obras que tem subscrito — e que muitas são já. Escritora de sensibilidade, alma de mulher aberta aos problemas do nosso tempo, os seus romances reflectem, precisamente, êsses excelentes dotes de emoção e de inteligência, capazes de interessar a grande massa de leitores. Por isso mesmo, os seus livros são avidamente procurados e as suas edições rapidamente se esgotam — e é este, no fim, o destino que desejamos a «Coração ativo».

DR. ALVARO RIBEIRO



Fernando Pessoa continua a ser uma figura actual — o mais vanguardista dos nossos poetas e aquele que arrasta e apaixonou, no seu conteúdo poético, quantos ainda sentem e compreendem a obra que nos legou. O dr. Alvaro Ribeiro — um novo que se inicia nas lides literárias com uma segurança de idéias e de forma definitivas — deu-nos um estudo apaixonante da poesia de Fernando Pessoa, a que pôs o título

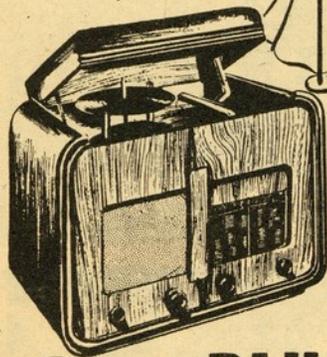
de «A nova poesia portuguesa». Como, porém, Alvaro Ribeiro é estudioso e culto, quis ainda oferecer à pequena soma de leitores interessados em temas do mais expressivo e alto conceito literário, que é o da filosofia, um caderno intitulado «O problema da filosofia portuguesa». Neste pequeno estudo, que podia ser alargado a um grosso volume, tal a solidez e o complexo do seu conteúdo, o autor estuda o problema nas suas raízes mais fundas nêle contendo como que uma mensagem de confiança no destino da filosofia em Portugal.

GUILHERME PEREIRA
DE CARVALHO



Guilherme Pereira de Carvalho, um permanente sorriso e uma inteligência fulgurante ao serviço de uma actividade dinâmica, pode considerar-se um dos nossos diplomatas do espírito, como funcionário superior do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, onde sempre soube conquistar êxitos, simpatias e ganhar causas para o bom nome de Portugal no estrangeiro. Recentemente, reconhecendo, precisamente, o mérito da sua acção no estreitamento das relações peninsulares, o governo espanhol condecorou Guilherme Pereira de Carvalho com o grau de cavaleiro da Ordem do Mérito Civil.

*Dupla
finalidade*



UM aparelho de rádio combinado com discotone automático representa este aparelho num só. Pode tocar automaticamente 10 discos seguidos sem intervenção pessoal. Constitui o sonho de todos os amadores de boa música. Antes de adquirir um aparelho de categoria examine, ouça e compare este luxuoso receptor suízo de alta classe.

Radio **PAILLARD**

Repres. exclusivo em Portugal: M. SIMÕES JR., R. da Conceição, 46, 1.º - Tel. 21672 - LISBOA

Distribuidores em Lisboa: DAVID J. LOPES, Lda, R. da Prata, 206, 1.º - LISBOA
Agente Geral no Norte: J. CAMIZAO JR., R. St. Catarina, 53, 1.º - PORTO
Agente no distrito de Leiria: R. GIRAÓ - CALDAS DA RAINHA
Agente em Santarém: JOSÉ MARIA CHAVES - SANTARÉM
Agente Geral no Algarve: CASA DO RÁDIO, R. Vasco da Gama - FARO



Seis livros

Seis autores

Seis assuntos

Distraia o seu Espírito durante as férias, lendo obras de renome mundial, que recreiam educando

Pedidos aos distribuidores:

LIVROS DO BRASIL, Lda - Rua Vitor Cordon, 29 - LISBOA

Escola de corte, costura e chapéus

M. ^{M E} JUSTO

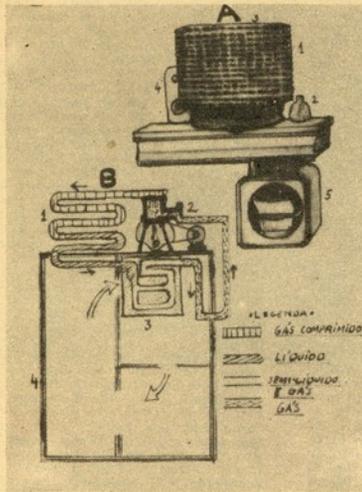
SEDE, DIRECÇÃO E SECRETARIA
RUA DE S. LÁZARO, 127-1.º e 3.º ANDAR

A MELHOR E MAIS FREQUENTADA DE TODO O PAIS

Muito brevemente e em comemoração do 15.º aniversário da fundação desta Escola, será feita uma única e inédita demonstração do eficaz e compreensível método de corte de «M.me Justo» e bem assim a maior e mais interessante exposição de trabalhos de alta - costura e chapéus, que pela sua originalidade e beleza marcará, decerto, como um acontecimento de arte, fora do vulgar. Todos os trabalhos expostos serão exclusivamente confeccionados pelas suas alunas. A exposição realizar-se-á nos nossos elegantes salões do 3.º andar. As senhoras que tiverem a felicidade de visitar esta exposição, hão-de por muito tempo lembrar tal maravilha.

Nesta Escola, que é incontestavelmente a primeira do País, as alunas têm de 6 a 9 horas de aulas por dia, e as suas lições são sempre ministradas individualmente e nunca em conjunto. Os cursos não são por número definido de lições, nem por tempo determinado, mas sim pelo tempo necessário a uma boa aprendizagem. Devido aos muitos pedidos de Senhoras empregadas, esta Direcção resolveu abrir um curso nocturno com um número limitado de alunas. Nunca é demais salientar que **Escola M.me Justo** há só uma e é sem favor classificada a Escola n.º 1 de Portugal.

REFRIGERAÇÃO



Estes desenhos permitem compreender completamente o artigo «Viagens dentro dum frigorífico». A representação o maquinismo refrigerador: 1—Serpentina onde se comprime e condensa o gás; 2—Válvula do flutuador; 3—Cabeça do maquinismo; 4—Caixa de regulagem, regulando o funcionamento do motor compressor; 5—Evaporador (recipiente contendo o líquido refrigerante) e dispositivo interno para a formação de gelo. B é um esquema do maquinismo refrigerante, representando o ciclo de operações para a produção do frio pelo anidrido sulfuroso. 1—Serpentina; 2—Motor para «chupar» o gás e comprimi-lo; 3—Evaporador; 4—Parede da caixa frigorífica. As setas grandes indicam as correntes internas do ar frio; as setas pequenas a direcção em que se realiza o ciclo de operações produtoras do frio.

NÃO É VERDADE Maravilhas da estratosfera

1—Que a caspa seja uma coisa contagiosa, visto tratar-se, apenas, de uma secreção das glândulas sebáceas existentes perto da raiz de cada cabelo;

2—Que haja cabeças ou móveis que criem parasitas, porque qualquer forma viva nasce sempre de outra forma viva. O que sucede é muitas vezes não ser visível o contágio ou esse contágio não ser compreendido. O vento, o varrer, o sacudir, a própria actividade das pessoas, são agentes de transmissão e propagação de parasitas, quer na sua forma adulta, quer na sub-forma de lêndeas, ovos, etc.;

3—Que os «buracos» do queijo sejam produzidos mecanicamente. A sua origem reside nas fermentações microbianas durante o período do amadurecimento dos queijos. Os gases produzidos durante estas fermentações é que escavam os buracos;

4—Que seja uma felicidade ser doído para não se ter consciência do que se passa neste triste mundo. Há certas espécies de loucuras que se caracterizam por um horroroso sofrimento do doente que se julga vítima de males imaginários;

5—Que constitua um perigo não satisfazer os desejos caprichosos das mulheres grávidas. A não satisfação desses desejos em nada influe na formação da criança. O contrário é que nem sempre é verdadeiro, visto certas substâncias, quando ingeridas, poderem prejudicar o curso da gravidez.

O que é a estratosfera? Pode-se responder em poucas palavras que a estratosfera é a parte da atmosfera do nosso globo que se acha por cima da camada mais baixa, respirável, conhecida pela designação de troposfera.

Utilizando um balão especialmente equipados para resistir à falta de oxigénio e à progressiva baixa de pressão verificada com a altitude, Picard atingiu, em 1933, a altura de 16 quilómetros, já em plena estratosfera. Em 1938, um aviador italiano envergando um «fate de pressão» conseguiu ultrapassar os 17 quilómetros de altitude. E o «récord» mantém-se por aqui, se bem que se conheçam pormenores acerca de zonas situadas várias dezenas de quilómetros acima da superfície do globo, graças aos balões-sondas registadoras.

Sabe-se que na estratosfera a temperatura desce até 80 graus abaixo de zero. Existe um sol brilhantíssimo e uma calma eterna, pois não há nuvens nem ventos; todas as temperaturas da atmosfera estão circunscritas às camadas mais baixas. A estratosfera é formada principalmente de azoto.

Há um facto misterioso acerca da estratosfera que ainda necessita de explicação. Verificou-se o frio mortal, constante (confirmado pelos ensaios do professor Picard) se estende até perto de 60 quilómetros acima do nosso globo, mas, mais acima, em vez do frio aumentar, encontra-se uma zona ou camada de ar relativamente mais quente, atingindo a sua temperatura 30 graus centígrados. Esta zona estende-se até 150 quilómetros acima.

Entre 65 a 150 quilómetros encontra-se a célebre camada Heaviside, ou mais precisamente, Kenelly-Heaviside. Supõe-se que esta camada é formada por gás ionizado, sendo hoje bem conhecida dos amadores de T. S. F., devido aos seus efeitos nas rádio-transmissões, reflectindo para a terra as ondas hertzianas como se fosse um espelho. As ondas curtas são reflectidas com um ângulo mais aberto, dando lugar ao fenómeno dos «saltos» que dão zonas de fraca recepção a essas ondas. Por outro lado, parece que as ondas extra-curtas passam directamente para o espaço.

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

CIÊNCIA ELEMENTAR

Viagens dentro dum frigorífico

É um facto provado, tanto por uma antiga prática empírica, como por estudos científicos, que entre 4 e 0 graus centígrados, as bactérias se multiplicam 400 vezes mais do que com temperaturas entre 10 e 15 graus centígrados. Por isso, abaixo de 10 graus, a deterioração é muitíssimo pequena.

Deste conhecimento veio a idéia de construir dispositivos conservadores de alimentos. As geleiras foram as primeiras máquinas, empregando gelo. Mas as geleiras tinham grandes inconvenientes: não forneciam uma temperatura constante e mantinham o ar muito úmido. Havia necessidade de inventar um processo de produzir um frio seco e constante.

A idéia de construir pequenas máquinas frigoríficas para usos caseiros, de marcha automática, data de 1912, mas só depois da guerra se conseguiu o aperfeiçoamento dessas máquinas.

A produção de frio nos frigoríficos baseia-se, em geral, na absorção de calor que acompanha a evaporação dos líquidos. Todos já observaram que as ruas ficam mais frescas depois de regadas; a água para se evaporar precisa de calor, e esse calor é baseado no ar ambiente, que assim refresca.

Para um refrigerante perfeito é preciso empregar temperaturas inferiores a 10 graus centígrados, e por isso não se pode utilizar a água, visto que o seu ponto de ebulição (ferveira) é de 100 graus. Há, contudo, líquidos que fervem a temperaturas bastante baixas, e que podem ser usados praticamente na refrigeração eléctrica. Entre eles, acha-se o amoníaco (ferve a 33° abaixo de zero), o anidrido sulfuroso (ferve a 10 graus abaixo de zero), o cloreto de metileno (ferve a 24° abaixo de zero), e muitos outros.

O refrigerante que em regra se emprega para a refrigeração doméstica, devido às suas vantagens consideráveis, é o anidrido sulfuroso. Este refrigerante é empregado em 90 % das marcas de frigoríficos. O anidrido sulfuroso (SO₂) ferve à temperatura de 10 graus centígrados abaixo de zero, como vimos. É o gás que resulta de se queimar o enxofre ao ar. É incolor, não venenoso, estável, e liquefaz-se a baixa pressão. Depois de liquefeito e exposto ao ar, ferve tumultuosamente, porque, devido à sua baixa temperatura, o calor que absorve ao ar evaporando-se, chega para o fazer entrar em ebulição. Se o anidrido sulfuroso líquido estiver dentro duma caixa, claro está que absorverá o calor do interior da caixa, e o ar esfriará.

Nas máquinas frigoríficas, o gás libertado na evaporação é novamente recolhido, comprimido e condensado, passando assim ao estado de líquido para se evaporar outra vez. Passa-se tudo num recinto fechado, num ciclo completo.

Estamos já a ver que um frigorífico exige duas espécies de máquinas: uma máquina de absorção e outra de compressão. A máquina de absorção chupa o gás evaporado; a de compressão comprime este gás e condensa-o, liquefazendo-o. É na altura da compressão que o calor absorvido pelo gás dentro do frigorífico é expulso para a atmosfera. Para que assim suceda, o gás passa numa serpentina compressora-condensadora situada em contacto com a atmosfera, fora do frigorífico.

Como o recipiente contendo o líquido refrigerante se encontra dentro do armário frigorífico, é no próprio corpo deste recipiente que se encontram as caixas ou moldes com água para gelar, aproveitando a temperatura de 6 graus centígrados abaixo de zero do elemento refrigerante. Um frigorífico vulgar pode produzir perto de 1 quilo e meio de gelo.

Embora o frigorífico possa estar sempre ligado à corrente eléctrica que fornece energia ao seu motor, este não trabalha de modo contínuo. Um dispositivo especial para o motor quando a temperatura é suficientemente baixa, e põe-o em marcha quando a temperatura se eleva um certo número de graus. Daqui resulta uma economia de consumo. Por outro lado, o funcionamento do motor é silencioso, visto as suas peças estarem mergulhadas em óleo.

Só resta dizer que um frigorífico não é um luxo, mas uma necessidade para a saúde. O frio melhora muitos alimentos, como as verduras, que reverdecem; a carne, mantida a uma temperatura de 0 graus, pode conservar-se 4 a 5 meses; as frutas duram 3 a 6 meses.

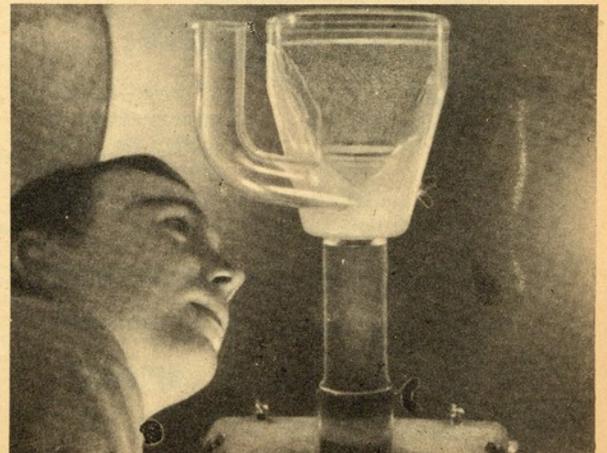
TÉCNICA MODERNA

EM todas as nações industrializadas, as grandes fábricas estão equipadas com laboratórios de pesquisas que se dedicam não só a questões práticas como a problemas teóricos de reconhecida importância científica.

A foto mostra um jovem investigador alemão estudando o funcionamento dum filtro de ar, empregado na aviação.

Para melhor observar um dado ma-

quinismo, vendo-o funcionar mesmo no interior, convém construí-lo numa matéria transparente. Neste caso do filtro de ar, vemos que o ar penetra pelo tubo em cotovelo que desemboca em sentido tangencial no interior do filtro. Dá-se um vivo movimento de rotação, e o ar arrasta consigo partículas de óleo, tendo de atravessar uma camada de óleo em agitação antes de entrar na parte alta do filtro, penetrável pelo ar; só depois sai para o motor.



AJA

DENTAL CREAM

A Pasta dentífrica AJA recomenda-se pela sua esmerada preparação e pelas suas propriedades anti-sépticas

EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE

RAILCO

LA CHAUX DE FONDS - SUISSE



MODELO Nº 338.294 - ESC. 450,00

MOSTRADOR LUMINOSO

RELOJOARIA
MAURY
RUA AUREA 202 - LISBOA

Outros modelos desde 300\$00

Os amigos dos nossos amigos

(Continuação da pág. 24)

franqueza: como havia eu de adivinhar, antes de tudo isto, que este forasteiro dos demónios lá deitar as unhaszinhas de fora em tais circunstâncias?

Como tinha dado a volta ao mundo, Jevon conhecia um vocabulário de impropérios, o mais cosmopolita que os senhores possam imaginar, não obstante os seus insultos proferidos serem os japoneses, aprendidos numa «casa de chá» dos bairros baixos de Hakodati. Até parecia que apitava!

Uns após outros, todos os convidados me foram pedindo a cabeça do meu hóspede. E, enquanto os ouvia a todos, eu propus-me sacrificá-lo «piso facto» à sociedade reclamante. Porém, entretanto, Jevon havia-se evaporado e, no cantinho do bufete, só encontrei o meu querido oficial subalterno, muito corado, a comer salada. Dirigi-me a ele e perguntei:

— Onde está Jevon?
— Lá em cima, no quarto das arrumações, onde ficará até que se vão embora todas as mulheres. E não se misture nos negócios do meu prisioneiro, que esses são comigo.

Eu não queria misturar-me em nada, mas subi ao quarto das arrumações e vi o meu hóspede a dormir sobre uns colchões enrolados. Decidi, procurei a senhora Deemes e passei o resto da noite a tentar explicar-lhe o ocorrido. Disse o mesmo a umas três ou quatro senhoras, tratando de salvar a minha reputação — pois sou pessoa de respeito — manchada pelas calúnias que, contra ela, meu convidado havia lançado.

No pior libelo, não se diriam tão tremendíssimas coisas. Nos momentos que as minhas explicações deixavam livres, corria ao quarto das arrumações, não fosse Jevon morrer de apoplexia. Não queria que morresse à minhas mãos. Aquêle homem tinha comido do meu sal.

Por fim, lá acabou aquêle desgraçado baile. Ia-me embora, sem recuperar a consideração da senhora Deemes. Quando todas as senhoras se foram embora, o angélico oficial subalterno mandou os criados buscar o «saib» que estava no quarto das arrumações. Enquanto se fazia isto, constituímo-nos em tribunal de honra. O doutor foi eleito presidente. Apareceu Jevon aos ombros de quatro criados que o depositaram

sobre a mesa, como se fosse um cadáver na sala de anatomia. Entretanto, o doutor fazia um discurso a respeito dos perigos da incontinência. Jevon ressonava. Então, deitámos mãos à obra.

Com um trapo queimado pusemos-lhe a cara negra. Enchemos-lhe o cabelo com merengues, até que desse o aspecto de uma cabeleira branca. E, para que não resultasse nulo o nosso trabalho, envolvemos-lhe a cabeça em papel azul, não fossem os merengues cair antes de secar.

Decerto, nenhum dos senhores vai pensar que tudo isto era brincadeira. Não, era um castigo. Enfim, metemos-lhe no nariz uns bocados de gelatina azul e na barbicha gelatina amarela. Nas faces, esfregámos-lhe gelatina verde e vermelha, com tanto cuidado como se fosse um creme de beleza empregado pelas senhoras e rodeamos-lhe o pescoço com papel. Parecia um mandarim. Pusemos-lhe, ainda, gelatina nas costas das mãos e enfarruscámos-lhe as palmas. Atámos-lhe os pulsos com uma corda, encerrámos-lhe as pontas do bigode com grude, o que lhe dava aspecto marçal. As pontas do «frak» prendemos-lhas nos ombros e no sítio que assim ficou à mostra pusemos uns fundilhos de papel de muitas cores. Realizados estes preparativos, despregámos a passadeira vermelha que la do salão de baile ao bufete e enrolámos nela Jevon.

Era coisa de sessenta pés de comprimento, com três de largo. Enrolámo-la bem, de modo que daquele rôlo só surgia aquela incrível cabeça. Apertámos a corda quanto pudemos. Estávamos tão irritados que quasi não podíamos rir. Quando tudo estava pronto, ouviu-se o rodar de um carro de bois que vinha buscar as cadeiras e outros móveis emprestados para o baile à espósa do general. Assim, pois, carregámos Jevon como se fosse um fardo mais, e lá seguiu no carro sem que o carreiro se apercebesse do sucedido.

Mas, agora, vem o mais extraordinário deste conto: nunca mais vimos Jevon, nunca mais ouvimos falar de Jevon. Esfumou-se totalmente. O general recebeu as passadeiras — mas a Jevon, não. A noite tragou-o. Talvez tivesse morrido e o atrassem ao rio. Mas, morresse ou não morresse, tenho-me perguntado muitas vezes como se teria arranjado para safar-se da passadeira vermelha e, sobretudo, dos merengues. Não sei se a senhora Deemes se dignará voltar a olhar-me nem se poderá resistir à avalanche de infâmias que Jevon desencadeou sobre a minha vida particular, entre a primeira e a nona valsa de uma festa afgã. É ainda mais difícil para mim ver-me livre de tudo isto, do que é de me engue.

Por tudo isto, exigo que me tragam Trantes, o de Bombaim, vivo ou morto. Mas prefiro-o morto.

O AMADOR DE MÚSICA não dispensa:



Uma colecção de discos das obras que mais lhe agradam. Um Discophone automático que lhe permita ouvir a música que quizer, quando quizer.

O novo discophone com mudança automática de 8 discos grandes e pequenos permite a audição ininterrupta dum programa organizado a nosso gosto.

45 minutos de música sem qualquer interrupção

Visite-nos e gostosamente faremos a demonstração

Est. Valentim de Carvalho
R. NOVA DO ALMADA, 97

Assim como um bom caçador...

... mata toda a caça



assim o

CASULO Limpa-Fatos

«mata» todas as nódoas da roupa, sem possibilidade de ressuscitarem...

Com efeito, este admirável produto, fórmula sapiente de 6 substâncias químicas inofensivas, suprime radicalmente as nódoas, o lustro, o mau cheiro e torna os fatos como novos e mais duráveis.

Só custa 2\$50

Revenda:

SCHROETER
& ALMEIDA
Rua da Madalena,
128, 2.ª — LISBOA



A BOLSA DO LIVRO

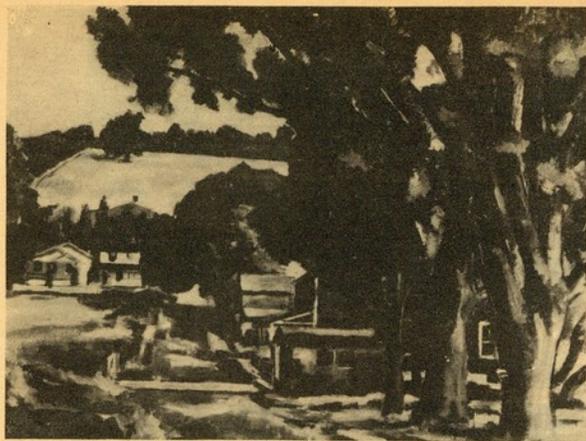
Praça de D. João da Câmara, 4-4.
LISBOA TEL. 2.8470

**compra, vende troca,
emprést. e leilão
livros em todo o país.**

Informações bio-bibliográficas, etc.

**Única organização
no seu género**





Conhecem a Martino Comercial Art Studios?

A América envia-nos mais uma novidade — que, como todas as novidades americanas, tem imenso pitoresco: em Filadélfia, constituiu-se uma sociedade artística, cujos membros fazem todos parte da família Martino. Os mais antigos antepassados dos Martino, de que há memória, eram pedreiros em Itália. Mudaram-se para a América — fizeram fortuna — e fizeram-se artistas: Frank é ilustrador, António, Edmundo e Giovanni são pintores, Alberto é fotógrafo, Ernesto é coleccionador de moedas e selos...

De todos eles, sócios da Martino Comercial Art Studios, António Mar-

tino é o mais notável pintor. As suas telas — principalmente as paisagens, como esta «West Conshohocken», e que tanto lembra a Campobasso italiana — são disputadas a péso de ouro nas grandes exposições de Filadélfia e Nova-York.

A numerosa família Martino, a que preside o velho Martino de 72 anos, antigo canteiro, reúne-se nos seus estúdios de arte comerciais, onde pinta, vende, recebe encomendas e faz intercâmbios de moedas e selos...

Uma Babel de Arte que não causa confusões aos seus sócios ilustres...

Impressões do

X Salão do Estoril

NÃO sabemos a que propósitos obedece a organização do «Salão» Estoril. Compreendemos, porém, que ele se limita, quasi exclusivamente, a um pretexto para se falar da Costa do Sol — para, enfim, se fazer propaganda daquela excelente zona de turismo internacionalizada — embora desse ser muito outra a finalidade das exposições de Arte ali organizadas. De facto, o «Salão» do Estoril podia ser um terceiro «Salão» das nossas artes — isto é: depois do grande conjunto das Belas Artes e do Salão da Arte Moderna — podíamos ter um conjunto de competição estrangeira, o *Salon d'Eté*, ou mesmo, e muito bem, o *Salão do Estoril*.

Vê-se, porém, que o conjunto organizado pela Sociedade Estoril não obedece nem a uma selecção rigorosa nem a motivos que criem um certo interesse artístico. Em geral, levam-se ao «Salão» do Estoril os monos, os trabalhos de há anos que ninguém quis arrancar à poeira do «atelier» do artista, sem a preocupação de fazer arte pela arte — ou mesmo pelo dinheiro, pois um bom prémio anual, para trabalhos inéditos, seria já um excelente estímulo para artistas capazes de animar aquela iniciativa artística.

Por que não há-de, pois, a Sociedade Estoril criar esse ambiente para as suas exposições? Não seria, afinal, um magnífico — senão o melhor — meio de fazer propaganda da Costa do Sol?

Das notícias que tinham vindo a público, a respeito da organização do X «Salão», depreendia-se que fomos, este ano, encontrar ali novidades, coisas boas que, às vezes, os artistas não tivessem tido tempo de acabar para a última exposição nas Belas Artes. Afinal, de inédito, encontramos muito pouco: com excepção de um óleo bom de Fernando Santos — a «Festeiras» — e, supomos, que uns «Cravos» de Alda Machado, tudo o resto é pouco menos que visto e revisto. E, pior que tudo, o que não é novo — é de novos que nada trouxeram à arte de que se servem.

O Estoril, toda a Costa do Sol, enfim, com o seu belo fundo de azul

e oiro a recortar-se na areia bulhosa, é um mundo de sugestões de artistas — e só é difícil de fixar, porque as tintas são tão gritantes, que na tela não parecem naturais. Pois o Estoril só ofereceu a quem o escolheu para tema, uns vagos motivos pictóricos, sem nenhum sentido artístico nem criador: vagos bilhetes postais aguarelados, muito amadorismo pronto.

Enfim, num «Salão» organizado com um sentido puramente comercial, em que os próprios artistas — pelo menos ao que supomos — não têm condições de concurso a impedir de ser comerciantes, como quem vai expor o produto na mostra, a ver se algum dos senhores endinheirados lhes pega — não devia ser muito possível aos seus organizadores, mesmo com o patrocínio da S. N. B. A., fazer muito melhor para obter um conjunto agradável. Percorrendo a exposição, tem-se uma sensação de desequilíbrio — ou de tentativa inútil para criar o equilíbrio — o que se compreende, se perirmos do princípio que aquilo foi mesmo um «despejar de sacos»...

Distinguiremos, ainda assim, no chão, os dois quadros de Alda Machado, e Fernando Santos — não obstante a sua «Festeiras», de rosto bem trabalhado, ser falta de movimento — algumas aguarelas: Júlio Silva, com «Velharias», António Victorino, com o «Recanto de Santa Cruz» e Gabriel Constante, principalmente, com «Maré baixa». Na tempera, no pastel e no desenho, nada vimos de assinalar, e na escultura, que nos lembre, nada vimos de registo especial. No entanto, lá está José Farinha, Simões de Almeida (Sobrinho), Delfim Mala e Leopoldo de Almeida.

Adriana Ramos Pinto da Costa trouxe do Porto algumas das suas preciosas miniaturas — pintura sobre placas de marfim. «Retrato de menina», principalmente, vale pela delicadeza e perfeição técnica.

E, até para o ano — quando voltarem os artistas de férias, que muitos andam por longas terras a dar largas ao seu temperamento. — M. A.



Morreu um pintor de Montmartre

PÁVIL, o pintor de Montmartre, que tinha só uma das mãos, morreu há pouco. Nascera na Crimeia — em Odessa — e naturalizara-se francês, porque francês era o seu clima interior de artista. Fôra discípulo de Vereschagnine mas pertencia à escola impressionista de que faziam parte Sisley e Claude Monnet. Montmartre ficou a dever-lhe os seus melhores, mais pitorescos óleos e «cróquis», e figura, pelo lápis ou pincel de Pavil, nas mais célebres colecções do mundo.

Mas a sua obra em Marrocos não é inferior à realizada em Paris. Em Massakech organizou um álbum que é hoje disputado a péso de ouro. As cores, os costumes árabes seduziram-no sempre tanto, como os «mômes» da margem do Sena...

SANTANA vai expor no Estoril

SANTANA, entre os novos, é hoje o nosso melhor caricaturista. Pelo traço, pelo detalhe, pela mancha, pela fantasia — por tudo, as suas caricaturas reflectem preciosamente o seu magnífico temperamento e o clima psicológico dos seus caricaturados. Hoje, entre nós, não há quem tenha duas opiniões a respeito deste artista que se fez na escola inglesa e que tanta personalidade criou para o mundo dos seus desenhos e esculturas — porque Santana, cem por cento caricaturista, tem a paixão da escultura e é nela que sente a verdadeira materialização dos seus vãos de artista.

É este Santana de traço tão confundível — muitos, menos conhecedores, chegaram a confundir-lo... — que é nosso colaborador e que se tem negado aos apêlos vindos da África do Sul donde o disputam, é este mesmo que vai expor, dentro de pouco tempo, no Casino do Estoril. Uma larga galeria de caricaturas, todo o mundo elegante e de dinheiro de Lisboa, que vai lodar-se à Costa do Sol, ficará representado na exposição que Manuel Santana realizará no próximo mês de Setembro.

O ARCANJO SAN MIGUEL

OS Açores já nos tinham dado outros elementos de expressão artística — alguns, mesmo, da mais representativa no nosso reduzido panorama da Arte. Agora, porém, acrescentar, há o nome de Numidico Bessone, que completou na Escola de Belas Artes de Lisboa o curso superior de escultura. Como prova final, o jovem escultor apresentou o «Arcanjo San Miguel» — uma estátua de dois metros e meio de alto, que mereceu para o seu autor a classificação de dezasseis valores. Olhando esta figura monumental, dir-se-ia que se vêem ressurgir as linhas clássicas da escultura antiga, no tempo em que a cultura greco-romana era espírito criador, sem laivos de imitação de formas ou, concetos académicos.



HISTÓRIA DA POLÓNIA NA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXVI—Países ocupados—Polónia

A GERMANIZAÇÃO DO GOVERNO GERAL

O esforço de germanização no território do Governo Geral foi particularmente activo nos domínios da cultura e da instrução. As escolas superiores polacas foram encerradas desde o início da ocupação. A partir de certa altura, as escolas secundárias de cultura geral, liceus, ginásios, etc., ficaram sujeitas ao mesmo tratamento. As escolas primárias e de ensino técnico continuaram, porém, abertas, bem como todas aquelas que preparavam para o exercício de profissões manuais.

As instituições de culto e de previdência e assistência existentes no território do Governo Geral foram objecto de medidas rigorosas de fiscalização. Em Cracóvia, por exemplo, os hospitais e as instituições de previdência locais ficaram reservadas apenas ao uso das autoridades de ocupação, o mesmo acontecendo com as instituições da mesma índole existentes em Lvov. Os edifícios escolares existentes naquelas duas cidades foram adaptados a escolas e ginásios para se ministrarem a cultura germânica.

As instituições e estabelecimentos desportivos tiveram uma sorte semelhante, especialmente nos grandes centros de população do território do Governo Geral. O estádio municipal de Cracóvia, o parque desportivo «Sobieski» e o estádio do clube «Legia», de Varsóvia, sofreram adaptações e transformações profundas. Os sanatórios, hotéis de turismo, preventórios e clínicas foram adaptados no mesmo sentido. Nos aspectos relacionados com a actividade de iniciativas privadas de polacos, herdadas agrícolas, estabelecimentos comerciais e oficinas industriais, em muitas delas a ocupação coincidiu com uma modificação das respectivas empresas nas quais os elementos alemães passaram a desempenhar o papel preponderante.

As autoridades alemãs dirigiram freqüentes apelos à população do Governo Geral para se inscrever na «Volkliste». Estes apelos eram, em grande parte, justificados pela doutrina histórica, posta em circulação depois do início das hostilidades, doutrina segundo a qual o povo polaco não é de origem eslava mas sim de origem germânica e que por uma estranha coincidência se habituara a falar uma linguagem diferente do alemão moderno. Esta dou-

trina encontrou numerosos partidários durante o período em que a administração do Governo Geral esteve confiada às autoridades alemãs de ocupação.

AS MINORIAS NACIONAIS

O esforço de germanização das autoridades de ocupação, exercido no território do Governo Geral, revestiu-se de vários aspectos. Um deles consiste em suscitar o aparecimento e desenvolvimento dos particularismos locais e em favorecer o esforço das minorias étnicas, sempre que isso pudesse traduzir-se por uma quebra de unidade da população local.

No caso da Polónia, a aplicação desses métodos foi bastante dificultada a homogeneidade da população que habita a zona geográfica a que correspondeu a designação administrativa de Governo Geral. Enquanto, a oeste e a leste, a Polónia, que safu dos tratados de paz de 1919, possuía minorias étnicas numerosas, e foi essa sem dúvida uma das causas da fraqueza do Estado polaco e das dificuldades que ele teve de enfrentar durante o período que precedeu a eclosão das hostilidades, o centro do país ofereceu uma incontestável homogeneidade étnica e lingüística. Era ele que constituía o coração da Polónia e o centro de resistência do sentimento de independência nacional.

Por isso se verificou que, enquanto as províncias ocidentais do país foram incorporadas no território do Reich sem que esse facto se traduzisse por consequências graves, e enquanto a leste os soviéticos ocuparam, sem dificuldades excessivas, os territórios que depois haviam de ser ocupados pelos alemães sem que todas essas transformações, naturalmente violentas, tivessem repercussões profundas, na zona central da Polónia todas as tentativas exercidas no sentido de dissociar a população se malograram perante a sua forte coesão étnica e perante o seu profundo sentimento nacional e patriótico.

As autoridades de ocupação, reconhecendo o grupo chamado dos montanhenses polacos como uma minoria étnica com o fundamento de que ela fala um dialecto especial, o que de resto acontece freqüentemente com os habitantes das regiões elevadas em todos os países, nada de positivo conseguiram. A designação abrangeu apenas um grupo de menos de cem

mil habitantes e os montanhenses polacos (gorale) sem que essa decisão contribuisse para acelerar a obra de germanização no território correspondente ao Governo Geral da Polónia.

O PROBLEMA UCRANIANO

A atitude das autoridades de ocupação consistiu naturalmente, desde a primeira hora, em favorecer todos os movimentos das minorias nacionais incorporadas no antigo território da Polónia. Esse problema foi, em todos os tempos, um dos mais complicados e difíceis não apenas da Polónia reconstituída pelos tratados de paz, mas de toda a Europa Oriental e balcânica. Precisamos não esquecer que foi à sua volta que se criaram os pretextos para a eclosão de duas conflagrações no nosso continente, no curto prazo dum quarto de século.

Em consequência das guerras e das invasões que se sucederam no decurso dos séculos, as fronteiras no oriente e no sudeste da Europa são instáveis e as suas populações aparecem, com freqüência, deslocadas dos quadros nacionais próprios e incorporadas em outros a que sempre se conservaram estranhas. No ocidente, onde, por virtude duma evolução histórica diferente, as nacionalidades se constituíram há muito com a sua fisionomia actual e definitiva, nem sempre há tendência para compreender a gravidade desses problemas, que são fundamentais para o equilíbrio do continente e para o seu futuro.

A Polónia criada pelos tratados de paz tinha, no interior das suas fronteiras, alguns desses problemas postos com uma acuidade evidente, especialmente a leste. Foi a questão da minoria alemã do corredor polaco e da cidade livre de Dantzig que, como se sabe, deu origem à segunda conflagração mundial em 1 de Setembro de 1939. Mas era do conhecimento geral que as minorias que viviam junto das fronteiras orientais da Polónia tinham um significado e uma importância muito maiores do que aquelas que viviam junto das suas fronteiras ocidentais.

E a existência das primeiras que justifica as actuais dificuldades registadas entre o governo polaco de Londres e o governo soviético, enquanto as segundas, durante os vinte anos que se seguiram à assinatura da paz de Versalhes, nunca deixaram de constituir um motivo permanente de fricção entre Varsóvia e Berlim. A história da Polónia é fértil em dificuldades dessa natureza que o seu instinto nacional tem conseguido dominar através duma vida agitada que não impediu que a elas tivesse, por mais duma vez, que sacrificar-se a própria independência nacional suprimida pela acção conjunta de vizinhos interessados.

Das minorias existentes no território da Polónia criada pelos tratados de paz, as que viviam junto das fronteiras orientais do país, e entre estas as minorias de bielorrussos

(russos brancos) e de ucranianos, eram, de longe, as mais importantes e contavam-se por milhões de indivíduos. Foi, sobretudo, entre a minoria ucraniana, da qual numerosos representantes viviam no território do Governo Geral, que as autoridades de ocupação encontraram alguns dos seus mais valiosos colaboradores durante o período em que exerceram a sua acção.

A formação de núcleos de polónia, constituídos quasi exclusivamente por ucranianos, deu a medida do grau que essa colaboração atingiu. Depois da entrada das tropas russas em território soviético ela intensificou-se, pois o problema da minoria ucraniana está, desde longa data, directamente relacionado com o problema das relações germano-russas.

A QUESTÃO DO ENSINO

Já indicámos que a questão do ensino foi, naturalmente, uma daquelas que mereceu maior atenção às autoridades de ocupação na Polónia. Essa questão tinha um aspecto presente de incontestável importância; mas tinha, sobretudo, um aspecto futuro de que dependia o conjunto das relações entre a população polaca e a potência ocupante no futuro. Essas relações dependiam, em parte, das intenções que o Reich manifestasse em relação à mocidade polaca.

Duma forma geral pode dizer-se que a orientação pedagógica das autoridades de ocupação se encaminhou no sentido de impedir que se formasse uma «élite» polaca saída das suas escolas de ensino superior, e que a mocidade do país devia orientar-se no sentido das profissões manuais, o que a habilitaria a constituir no futuro um reservatório valioso de mão de obra para a satisfação das necessidades, não apenas do Reich mas do próprio continente uma vez instaurada nele a Nova Ordem.

Em alguns aspectos, porém, esta orientação de carácter geral teve de ser alterada pela força das circunstâncias. As exigências da guerra e da ocupação dos vastos territórios da Rússia levaram as autoridades de ocupação a facilitar, a partir de 1941, a formação de técnicos e de especializados, sobretudo médicos, veterinários e engenheiros, indispensáveis à colonização eficaz das áreas abrangidas pelo espaço vital alemão a leste.

Em alguns pontos do território do Governo Geral abriram-se cursos académicos que, na sua maioria, passaram a ser frequentados por indivíduos de origem ucraniana. Mas as escolas de altos estudos existentes na Polónia, entre as quais a Universidade de Lvov gozou sempre duma justificada reputação, não voltaram a funcionar normalmente. Naquelas que funcionaram, com certa regularidade, durante o período da ocupação, o ensino era feito em língua alemã.

Pouco depois de se iniciar a ocupa-

(Continua na pag. 22)



Na Ucrânia ocupada pelos alemães...



PASSEIO EVOCATIVO
NO PORTO VELHOONDE A CIDADE TEVE O BERÇO
E A TRADIÇÃO SE ACOUTOU...

Da velha muralha do burgo portuense há ainda expressivos trilhos

DISCORRER pelo característico Porto velho, por aqueles bairros habitados pela parte mais pobre da população da cidade, nem sempre é recomendável e agradável passatempo. Porque muitos dos pobres não dispõem de tempo nem de fétio para se esmerarem na higiene de seus corpos e suas moradas; porque o fedor das casas vestustas e sujas, das gorduras ordinárias que colaboram nos cozinhados quotidianos extravasava, geralmente, para a via pública; porque os detritos de toda a espécie se acumulam nas sarjetas e nos recantos das ruas, dos largos, das vielas, não é passeio gostoso e ameno o que se dá por sítios como aqueles por onde, há dias, me lembrei de passar... É claro que a culpa de tudo isto não é só daqueles que não se lavam ou se lavam como os gatos e não conhecem as regras mais elementares da higiene; é, também, de quem lhes não mostrou a inconveniência de certos hábitos individuais e domésticos.

Não foi, porém, para escrever solenes frases, próprias de artigo de fundo que empreendi o passeio de há dias por uma parte da cidade antiga.

O social cede o lugar, aqui, ao evocativo.

Se bem que o bairro da Sé, onde bate ainda o coração do primitivo burgo portualense, seja alfombra de intensas sugestões históricas, é nos bairros da beira-rio, sobretudo no de Miragaia, que os aspectos mais expressivos se toparam. Assim, é ali que se conservam os passeios cobertos e guarnecidos de arcadas características da arquitectura urbana de idos séculos, que abundam, por exemplo, dando-lhes inconfluinte graça decorativa, nas cidades e vilas da Galiza e que, no idioma de Lope de Vega se chamam *soportales*. Ora só algumas das ruas daquele vetusto bairro marginal, que eu sabia, se distinguem, na capital do Norte, por esse pormenor ornamental de singular realce.

* * *

Não me proponho reeditar, aqui, a pretexto desse passeio evocativo pelo Porto velho, trechos da História em que se trata das origens da cidade. Para mais, as dúvidas subsistem — e, com elas, as discrepâncias dos sábios que, acerca disso, pouco mais sabem, afinal, do que os simples e modestos curiosos como eu das velharias locais. Em todo o caso,

porque numa zona muito antiga me ocupo, não desprezo a oportunidade de lembrar que, para uns, o Porto foi fundado por uns senhores gregos, provenientes da Trácia, a quem, um belo dia, apeteceu zarpar das margens do Axio, seu poiso natal, e vir por aí abaixo, Mediterrâneo fora, Atlântico fora, até enfrentarem com a proa das suas galeras, ou coisa que o valha, a embocadura dum rio que, séculos depois, havia de chamar-se, poética e hiperbolicamente, Douro. Ora um tempo de cepepeito fez com que os atlis migdones dessem à costa num sítio chamado Gaia. Dalí, atravessando o rio, puseam pé na terra fronteira, que baptizaram com o nome de Laora, mais tarde o crismando em Portucale. Esta uma das hipóteses aventadas pelos eruditos. Outros, porém, não entendem assim. Para eles, o Porto deve o seu nascimento a um tal Gathelo, filho de Cecrope, rei do Atenas, o qual, para fugir às tiranias paternas, passou ao Egipto, no tempo de Moisés, servindo contra os etíopes nas regiões de Farão.

E Firmino Pereira, no seu excelente e notável livro de evocações «O Porto doutros tempos», acrescenta àquelas estoutiras palavras suficientemente esclarecedoras: «O rei egípcio, grato aos serviços do grego anfitrião, casou com sua filha Escota, e vindo o filho de Cecrope por esses mares fora subindo pelo estreito de Gibraltar deu consigo e com a mulher nas margens do Douro, fundando a cidade de Porto-Gathelo, em memória do seu nome e da sua aventureira viagem». Dando de barato a solidez e o péso da argumentação, não julgo mais digna de crédito a afirmação de que «o fundador da cidade fóra o invencível Diómedes, rei da Etólia, o qual, navegando pelo Mediterrâneo e entrando no Oceano ocidental pelas colunas de Hércules, chegara à foz do rio Douro, e, desembarcando na parte setentrional, fundara a povoação de Gaia». Estes conspícuos asertos brotaram das conspícuas penas de conspícuos investigadores estrangeiros. Pelo que respeita aos de casa, sabemos todos que o reverendo João Salgado de Araújo, declara peremptoriamente, na sua obra «Marte Português», que esta mul nobre, leal e invicta cidade foi o resultado duma aventura homérica do famoso Menelau, marido infeliz que, repudiado pela perturbadora Helena, se exilou da pátria e, à vela e a remo por esses mares adiante, nos deu a honra da sua visita de rei sem reino, e para que tal honra fôsse, cumulativamente, proveito, se deu ao luxo de erguer aqui uma «povoação que prudentemente e aguerrida-

mente cercou de grossas e elevadas muralhas». Por seu turno, o autor de «Población general de España», Rodrigo Mendes da Silva, entende que a fundação do Porto foi obra dos galo-celtas. O seu colega nas letras Frei Bernardo de Brito, mostra-se partidário, na sua «Monarquia Lusitana», da opinião dos que têm Diómedes por fundador da primeira povoação portualense. Frei Luís dos Anjos, respeitável cronista graciano, assevera que o Porto nasceu no sítio de Miragaia, sendo transferido mais tarde pelos suevos.

O académico Cerqueira Pinto entende que o fundador do Porto foi Noé, certamente — o advérbio é meu — depois do dilúvio... No seu parecer, que Firmino Pereira reedita, sem o perfilhar, «Noé, quando fóra à Espanha, entra pelo Douro com suas galés, não só a conduzir Tubal e sua família, mas também a observar o ocaso do sol e os movimentos da estrela chamada Hisperia Vespertino em que desde a criação do mundo estava simbolizada a mesma Espanha, cabeça dela, que a Lusitânia era o penacho...» Dessa entrada pelo nosso rio resultou, no dizer daquele académico, a criação da povoação que viria a ser raiz do nome de Portugal. «*Chi lo sô?* Apoi o autor de «O Porto doutros tempos» a tese do douto frade beneditino Manuel Pereira de Novaes, autor duma importante obra publicada com o título «Anacrisis históricas», segundo a qual «a povoação de Lale (Porto) foi fundada pelo príncipe Calais, irmão de Zeto, filhos do rei Boreas, da Trácia, e da rainha Orítia, sua mulher, ambos companheiros de Hércules Alceo e de Jagon na conquista de Colchos e das suas riquezas, no ano do mundo 2740, trinta e dois anos antes da destruição de Troia e 2716 antes de Cristo, segundo o mais certo computo cronológico dos tempos». Esta opinião é, na verdade, apolada por algumas figuras autorizadas na investigação histórica, o que lhe confere, de modo especial, foros de respeitável.

* * *

Enfim, para o caso, o que importa é saber que há um sábio para o qual o Porto teve origem, precisamente, nesse característico bairro de Miragaia, onde o passeante, até pelas sensações visuais e olfactivas que all colhe, se julga, na verdade, transportado ao tempo em que as boas burguesas portuenses assomavam às janelas de suas casas, abertas por cima dos arcos ainda lá patentes, e, delicadamente, preveniam

o transeunte incauto com o mavioso grito de «água-vial»...

Em tudo isso la cismando, há dias, enquanto, no passeio evocativo, mirava essa pinturesca e típica Miragaia. Havia ali, noutros tempos, uma das portas da cidade, de Miragaia, naturalmente, chamada, que, encerrada de grossas ameias para os tiros de besta, era uma tremenda fortaleza guerrelira». Esses «stortuosos, escuros e imundos becos de Miragaia» a que alude Firmino Pereira não são hoje, por certo, mais atraentes do que eram no tempo em que a gente grada do burgo portuense tinha ali suas moradas e seus negócios. A igreja de Miragaia, digna, por si só, duma reportagem, envolvia-me na sua sombra antiga, all onde a cidade confina com o rio e se contempla no vasto espelho das turvas águas que vêm de Espanha, depois de terem banhado as terras que dão o mais saboroso e fino vinho do mundo.

Via-os, os cordeiros portuenses que all, no *logo dos mareantes*, exerceram seu mestier honrado, e de cujas mãos fortes, caledadas, encardidas, saíram os cordames dos navios que velejaram por todos os mares do orbe, em busca de novas e afortunadas terras para a coroa de Portugal. E a sinagoga dos judeus, também chamada cinuna, cinunna, senoga ou esnoga, onde, talvez, o grande e desventurado Uriel da Costa e outros correligionários, célebres e ilustres, do insigne israelita português, cobria a cabeça, respeitosa e, ante as tábuas da lei, acodem-me a evocação.

E vislumbro, num cenário romântico, a figura macerada de Teresa de Albuquerque, a acenar, da grade do convento de Monchique, ao seu Simão Botelho, com um lenço de cambraia muito alva e fina enopado em lágrimas e tingido do sangue das hemoptises...

Entretanto, passam mulheres que apregoam hortaliças, ovos e peixe; homens que andam na lufa-lufa de todos os dias, crianças que traquillam, à espera da hora da escola, gatos que farejam cabeças ou espinhas de sardinha destinadas para a rua... E tudo isso destrói a doce imagem da Miragaia camiliana que se formara no meu espírito e dá vulto a outra Miragaia, àquela que o camarelho municipal, mais cedo ou mais tarde, acabará por derrubar, para que a cidade, nova e moderna, incompatível com velharias e anacronismos inestéticos e condenáveis, estenda até all, também, os seus tentáculos poderosos e implacáveis...

HUGO ROCHA



Em frente ao assuro e pesado edificio da Alfândega, os arcos de Miragaia assinalam-se pelo seu aspecto digno de estudo



Os arcos de Miragaia são o que há de mais típico naquele vetusto bairro portuense

O padre Rafael Bluteau

À maneira de novela breve de uma grande obra, produto da sua dilatada vida...

A PRATA DO NORTE E OS PLANTIOS DE AMOREIRAS

COMEÇA-SE quasi a brincar. Verbete aqui, verbete acolá. Estuda-se uma língua; depois outra e outra ainda. Desce-se aos arcanos das línguas mortas e reconstitue-se-lhes, em laboriosa tarefa, as partes todavia vivas. Investigam-se ciências e aprendem-se novas maneiras de as concretizar. Eis a história pessoal e intelectual de todos os enciclopedistas. E, entre nós, a do frade caetano D. Rafael Bluteau.

Inglês de Londres, sempre amante da sua pátria, aprendeu a nossa língua por devoção religiosa. Mais tarde, amou-lhes os excelentes frutos: as opulentas livrarias de seiscentos e setecentos. Entre nós, nos Caetanos de Lisboa, morreu com quasi cem anos: precisamente 94 — um século quasi.

Ele e o seu retrato mais a sua obra, estiveram esquecidos um século ainda: até 1834 — escreve Inocêncio da Silva — jazeu no esquecimento das úmidas abóbas dos claustros de São Francisco. Tudo de mistura com as outras bibliotecas conventuais. Tudo lera e apontara o sábio e bondoso monge, na sua prosa apertada e saborosa; faz a crítica dos homens e das obras da sua época. E, embora comedido e desinteressado, os outros, todos esses insignificantes homúnculos que, simultaneamente, torturaram a vida de Bocage, só porque latejava o talento normando de seus pais no estro do poeta, estrangearam a pujança intelectual do sábio Inglês.

Na sua placidez e sagaz fisionomia de homem fleugmático, nunca lhe perdoaram que ele fosse grato aos monarcas que directamente o ajudaram a imprimir o seu «Vocabulário da Língua Portuguesa». Mérito menor não se pode ter. Mas já então em Portugal até a sombra do próprio corpo invejavam nos outros. Dessa ruindade viscosa de vermes está repleta a íntima vida intelectual da nossa gente; e a essas mordeduras não podia escapar inteligência tão elevada como a do padre Rafael Bluteau — e, quando as pretendeu desdenhar, refugiaram-se na campanha do silêncio.

Em 1860, Inocêncio da Silva erguia o seu protesto e organizava a primeira bio-bibliografia baseado em Rafael Bluteau. No seu enérgico e retumbante estilo, esse outro grande homem bom, aquêle Inocêncio da Silva cujos artigos têm o fulgor dos mármore, o retumbar dos bronzes e a consistência das peles preparadas pelos reis de Pergamo, fala-nos de Bluteau e das maravilhosas minas de prata...

ORIGEM DE UMA VOCAÇÃO

— Cá estás agarrado em contradição! — exclamará o leitor das minhas laudas retrospectivas.

E eu, de boa mente, elucido:

— Talento poliforme, nada escapava ao padre Rafael Bluteau. Nascido em 1640, obrigado a sair de Londres devido à guerra civil, após proveitoso estágio em França e Itália, em Junho de 1668, com 28 anos, ordenado padre da Ordem de São Caetano, sob cuja invocação se começava a construir o Seminário dos Inglesinhos de Lisboa, chegava ao nosso Tejo.

Voltar a interromper o leitor impaciente ou, para melhor escrever, abrevicido:

— Mas que temos nós, agora, com estas intimidades?

E eu, minucioso e perplexo, insisto:

— O padre Rafael Bluteau depressa se familiarizou com a nossa língua. Nela se revelou eloquente orador e o seu púlpito era dos mais apreciados. Foi a Turim tratar do casamento da infanta Isabel com o príncipe de Sabóia. E, em 1676, regressava ao convívio das margens do Tejo.

E aqui vem a altura de contar a história das minas. Prestem atenção e oiçam-na por ser bem curta:

— Entretanto, constara ao governo haver minas de prata na provincia de Trás-os-Montes. Foi Bluteau, devido à sua reconhecida ciência mineralógica, encarregado de as estudar e explorar. Sucedeu, porém, não existirem tais minas e o padre Rafael voltou para o seu convento de teatinos.

Antes, lançara os fundamentos de uma grande riqueza nacional, que

muito bem conhecera na Itália, cuja matéria-prima abundava em Portugal e seus domínios do ultramar; mas que a nossa característica falta de paciência e de continuidade jamais desenvolveu como ela merecia. Tratava-se, nada mais nada menos que do fabrico da seda. Decretara-se o plantio das amoreiras e o sacerdote, encarregado pelo Paço, escreveu um tratado singelo, merecedor na sua época de grandes louvores, pois serviu de base a todas as posteriores tentativas, maiormente a do período pombalino.

Modestamente, intitulava-se — «Instrução sobre a cultura das amoreiras e bichos de seda, dirigida à conservação e aumento das manufacturas de seda novamente estabelecidas em Portugal».

Tão notável se fez o seu esforço, sumamente construtivo, que em 1715 foi eleito prepósito dos regulares de São Caetano de Lisboa; e, nessa casa, ainda hoje conhecida pelo popularríssimo nome de «Caetanos», residiu até à sua morte, ocorrida a 13 de Fevereiro de 1734.

«O VOCABULÁRIO DO PADRE DR. RAFAEL BLUTEAU

Quarenta anos empregou o padre Rafael Bluteau a ler, averbar e escrever o seu «Vocabulário Português e Latino». Teve, ainda, de cuidar da sua impressão. Eis a história bibliográfica e tipográfica desse grandíssimo trabalhador — a quem Lisboa deveria pôr o nome de uma das suas mais lindas artérias.



D. Rafael Bluteau, segundo desenho de J. P. Sousa

— Para não ser inútil ao público esta minha curiosidade, procurei reduzir a um vocabulário latino-português quantos livros me vieram às mãos. Nesta laboriosíssima empresa, fui precisado a tirar-me da préctica e renunciar aos emolumentos dela. Pela continuação de muitos anos, importariam a estas horas muitos mil cruzados. De todo este lucro cessante e dano emergente, não fiz caso; não atendi às advertências dos amigos, que duvidosos da possibilidade do sucesso, me aconselharam que fizesse d'este parto um aborto. Não me desanimaram as contrariedades dos émulos, que com indiscretas críticas procuravam escurecer a obra antes de saída à luz. Como eu não levava outro fim que a glória de Deus e a utilidade pública, todos os obstáculos me pareciam quimeras ou espantinhos de pusilânimes.

Chegou a ir a Paris, afim de experimentar a impressão na tipografia do Louvre. Ali, experimentou com alguns sermões, a capacidade dos artistas, e teve de renunciar porque, faltando compositores práticos na lição de papéis portugueses, saíam as provas com tão grande número de erratas que não cabiam nas margens as emendas...

Para a inteligência, propriedade e uso das palavras portuguesas e latinas, oferece o padre Bluteau «a substância de mais de dois mil volumes», primeiro reduzidos a oito volumes em trinta anos de trabalho; depois, acrescentados de dois volumes ou suplementos com dez anos. Aproximava-se o propecto benemérito dos cem anos quando se imprimiam as últimas fôlhas da quantiosa obra.

Encontrara a língua em natural desordem. Carecia de subsídios, particularmente nas artes liberais e mecánicas. Tudo houve de organizar. Ele descreve as suas dificuldades de bom humor:

— Por falta d'este subsídio, corri as mais humildes oficinas da república; passei tardes inteiras em «atafonas», entre «moegas» e «almanjarras», enfarinhado na arte de moer; espedidor de decoras e aproveitador de farelos. Entrei em forjas de ferreiros e fundidores; examinei «bramedeiras» e «foganhãs»; e tomei pastilha de fundição entre «cadinhos» e «alcraivizes», meti-me em lagares de vinho, puz-me de «gorra» ao pé das uvas, e, nos lagares de azeite, andei à roda no meio de «varandas» e «sentrosas»; cheguei-me a «frades», que não são religiosos nem apostatas, e fui obrigado a carregar a memória de «balordos» e «capachos»!

Impossível era pedir mais jovial constância a quem, Inglês de origem e cultura, tantos anos — 94, repetimos! — contava ao falecer e, pouco tempo antes, ainda participava das amenas e eruditas palestras do culto Conde da Ericeira, o coadjuvava na composição do seu «Portugal Restaurado» e lhe frequentava o célebre Palácio do Cunhal das bolas ao fundar-se a primitiva Academia das Ciências de Lisboa, ou seja, no estilo simbólico e pastoril de época: «Academia dos Scientes». Pois, mesmo assim, o afligiram com assanhadas críticas maledicentes.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

TRÊS MODELOS PARA A PRAIA

Aqui tem, leitora, três sugestões curiosas para as suas «toilettes» de praia:

A primeira para antes do banho; a segunda para passear de tarde; e a terceira, um vestido simples e elegante com o qual poderá sair à noite no casinô.



A cozinha, instituto de beleza

ESTÁ triste, leitora, porque não tem possibilidade, actualmente, de utilizar os serviços dum daqueles maravilhosos institutos de beleza tão reclamados? Não entristeça por isso. Não vale a pena! O que imagina impossível está muito ao seu alcance. Não? Pois permita-me que a guie pelo corredor da sua própria casa e entre comigo na sua cozinha. Porque está leitora amiga, tão admirada? Por eu saber os cantinhos da sua casa? Na verdade, elas são todas tão parecidas, tão parecidas...

Óra vejamos se acerto: ali, no armário de rede, está um ferredouro com leite; acabou de chegar e ainda não está fervido; pois bem — eis um belo preparado para amaciar e aclarar a pele. Além, está uma tigela guardando manteiga, um pouquinho, de vez em quando, nas faces, alimentá-las-á tornando-as mais frescas.

Sobre a mesa está um cestinho com ovos, um bule com um resto de chá que veio da salinha de estar, um cacho de bananas que vai dispor na fruteira para o jantar. Pois são preciosos produtos de beleza.

Com o chá frio fechará os poros da pele e banhando os olhos aumentá-lhes-á o brilho, sem os prejudicar no futuro. Com a gema dum ovo batida na água preparada para a lavagem da sua cabeça, dará força ao cabelo e limpá-lo-á perfeitamente. E se quiser, quero dizer, se tiver paciência para isso, poderá fazer, ao deitar-se, uma excelente máscara com uma banana amassada com pingos de limão.

E que mais falta? Ah! É verdade!... Se tem carvão — e decerto tê-lo-á — aproveite-lhe o pó para renovar o brilho dos dentes. E se as suas mãos estão estragadas, ennegrecidas, trate-as com um pouco de limão, tomate ou a primeira água de aveia.

E, ou não, leitora amiga, a sua cozinha um precioso arsenal de «maquillages», um autêntico e económico instituto de beleza?

Tão bom, não há razão para estar tão triste!...

M.



Respondendo às leitoras

«Estou fazendo um luto que se prolongará ainda por estes dois meses de Verão. Os meus vestidos pretos são três e já não estão muito apresentáveis. Além disso, estou na praia, e junto das minhas companheiras, tão garridas e mimosas, sinto-me deslocada. Que fazer?»

MARIAZINHA

O luto nas pralás é sempre mais leve. Mas pode utilizar esses mesmos vestidos pretos dando-lhe um novo e mais agradável aspecto. Uns «jabots» de «linon», umas golinhas de «organdi», uns colarinhos de fustão branco, rendinhas estreitas ou mais largas colocadas de maneira elegante, tudo isso tornará novos os seus vestidos velhos, dando-lhes assim um pouco mais de frescura e variedade.

«Muitas vezes, ao acordar, tenho as pálpebras inchadas e mantêm-se neste estado o resto do dia, o que me torna os olhos mais moiticos e me dá um aspecto carregado. Que devo fazer para os desinchar?»

UMA DESCONHECIDA

Já consultou um médico? Antes de mais nada, creio ser essa a primeira medida a tomar. Depois, se o seu caso não necessitar — como o desejo — dos cuidados clínicos, pode-me então estudá-lo com o interesse que sempre nos inspiram as nossas leitoras.

PAGINA FEMININA

História romântica de Maria d'Agoult

FOI em 1827, num dia quente, cheio de sol, que Maria se tornou condessa d'Agoult. O dia estava bonito, tão bonito!... Mas Maria, a graciosa filha do visconde de Flarigny, sentia-se cada vez mais triste. O sol, para ela, não tinha o mesmo brilho e recusava-lhe até o próprio conforto de a aquecer. Os seus dedos afilados estavam tão frios que faziam sorrir as suas amigas, julgando-a nervosa. Mas a jovem, numa irritação feita de revolta surda, sentia-se covarde. Cobardia e infâmia por consentir em ser esposa dum homem que não amava! Sim! Ela não amava o conde, dezasseis anos mais velho do que ela. Não amava esse homem que ia ser o seu marido e a quem juraria fidelidade e amor!... Jura tão falsa, como falso o entusiasmo das suas amigas festejando-á!...

O olhar de Maria percorria tudo em volta: flores, muitas flores, animação, vestidos ricos! E tudo aquilo por sua causa — pensava. Tudo em sua honra! E apenas porque daí a momentos seria a condessa d'Agoult!... Como esse dia cheio de sol lhe pareceu triste e sombrio!...

* * *

Sentada perto do piano onde Franz Liszt, o grande pianista húngaro, arranca os últimos acordes da sinfonia que tocara a pedido, Maria d'Agoult olha o homem que, finalmente, surgira na sua vida como uma aparição, enquanto a sua memória rebusca, lá longe, seis anos atrás, o dia em que consentira na maior mentira da sua vida: jurar amor ao marido — a esse a quem jamais poderia amar!...

Liszt, o grande «virtuoso», sacode a sua cadeira enquanto os seus dedos percorrem ligeiros e enérgicos o teclado do piano. Maria olha-o nítido: «Este é o homem de quem ela escrevera no seu diário depois da primeira vez em que os seus olhos se tinham encontrados».

«Ele é bem estranho! De talhe alto, magro em excesso, semblante pálido, com os grandes olhos de um verde mar em que brilham rápidas claridades semelhantes à onda quando se agita, uma fisionomia sofridora e poderosa, um passo indeciso que parece escorregar antes de pousar no solo e o ar distraído e inquieto como o dum fantasma, para quem vai soar a hora de entrar nas trevas...»

Sim, Maria achava-o estranho. Presentia nele a chama do génio a animá-lo. E amava o artista e amava o homem. Primeiramente, no mais apertado segredo. Mas depois, depois... o olhar irresistível de Liszt dominara-a por completo!

* * *

E um dia, ante o pasmo e a indignação do Paris elegante, Maria d'Agoult abandonou o lar, o marido, o suzo, o côrte, e parte para as margens do lago Zurich, na ansia tumultuosa de se abandonar inteiramente ao seu primeiro e único amor...

Liszt amou-a com entusiasmo, numa paixão frenética. Maria era a sua musa inspiradora e a melhor propagandista da sua arte!

Mas um dia, também, Maria viu fugir, tal como chegou, o entusiasmo do seu apaixonado.

No Outono de 1839 ela voltou sózinha para Paris. As fôlhas das árvores caíam anuviadas, cansadas e tristes, batidas pelas rajadas fortes do vento que soprava. E por detrás das vidraças, olhando essas fôlhas caídas, Maria chorava sózinha a sua felicidade efêmera, a sua vida semelhante às fôlhas abandonadas dos caminhos poitrentos!...

MARIALIA

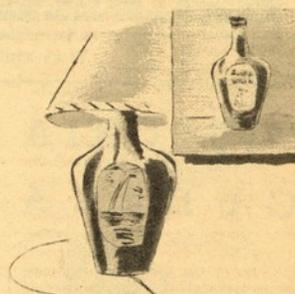
A RECEITA DA SEMANA

Põe-se no batedor um copo de vinho branco muito bom, meio copo de rum de Jamaica, meio de vermouth italiano, meio de champanhe, um cálice de parati, meio copo de licor de cacau e um cálice de genebra. Bata bem e sirva gelado com uma cereja em cada copinho e acompanhado de batatinhas fritas.

10 afirmações erradas

(Resposta ao Passatempo da página de Cinema)

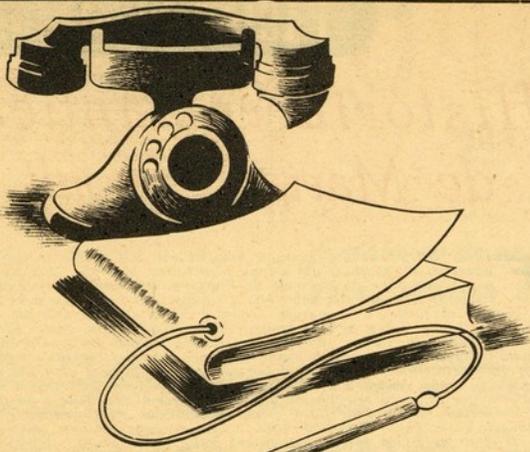
- 1 — A data está errada. A sessão realizou-se a 28 de Dezembro — e não em Março.
- 2 — Greta Garbo continua solteira, muito embora se haja falado no seu romance com Stokowsky.
- 3 — Bette Davis tem 43 anos. Nasceu a 5 de Abril de 1901.
- 4 — O primeiro filme de Garbo foi «A Lenda de Gosta Berlings».
- 5 — A primeira sala portuguesa que apresentou o cinema sonoro foi o Royal Cine.
- 6 — «O Patriota» desenrolava-se na Rússia, no tempo do Imperador Paulo I.
- 7 — Dorothy Arzner não é actriz, mas realizadora.
- 8 — Vivien Leigh estreou-se como «deta de teatro em Paris e não em Londres».
- 9 — «Pasteur» foi interpretado por Paul Muni.
- 10 — Walter Pidgeon é canadiano e não irlandês. «Viva Villat» teve como protagonista Wallace Beery.



Saiba aproveitar

HÁ um antigo princípio científico que nos diz: «Nada se perde, nem nada se cria; tudo se transforma». Porque não o aproveitar, seguindo-o mesmo dentro da nossa casa?

Hoje, apresentamos-lhes uma sugestão: dum garrafa de «whisky» pode fazer-se nascer um candieirinho eléctrico. Como? Simplesmente: retire-se o rótulo da garrafa, pinte-se esta dum cor a nosso gosto, chamemos um electricista para lhe adaptar um fio e uma lâmpada, enfile-se-lhe um «abat-jour» de cartolina e eis uma garrafa transformada útilmente num candieiro, como o demonstra o desenho junto.



Tome nota!
21368

é o número do telefone dos ateliers gráficos

BERTRAND (IRMAOS), L. DA
OS MAIS COMPLETOS NO GENERO
BERTRAND (IRMAOS), L. DA
TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogas

Preço avulso: 11\$00



HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 18)

ção, em 6 de Novembro de 1939, deu-se um incidente particularmente penoso com o corpo docente da Universidade de Cracóvia, uma das mais reputadas da Europa. Entre esse corpo docente encontravam-se alguns sábios de fama mundial. Durante uma sessão, para que haviam sido convidados, foram presos pelas autoridades locais tendo-se conservado nessa situação durante algum tempo. A acção das autoridades de ocupa-

ção exerceu-se, com especial atenção, sobre o ensino secundário geral que estava muito espalhado na Polónia à data do início da guerra. Esse ensino foi quasi completamente suprimido, dando-se um grande desenvolvimento ao ensino técnico secundário, com o fim de formar trabalhadores e operários munidos dos conhecimentos indispensáveis para bem poderem desempenhar a sua missão. Este aspecto da orientação pedagógica da potência ocupante revelava claramente o seu propósito de fazer da Polónia um vasto reservatório de mão de obra para satisfação das necessidades da guerra e para a realização do seu programa visando ao estabelecimento da Nova Ordem europeia.

Pelo que se refere ao ensino primário, a sua realização continuou a fazer-se depois da ocupação com a mesma intensidade que se registava antes dela. Mas os programas sofreram uma revisão profunda e passaram a orientar-se no sentido da valorização do factor germânico, como elemento de cultura e de civilização, em detrimento do factor polaco.

A requisição frequente de edifícios escolares para satisfação das necessidades de ocupação (a qual abrangeu estabelecimentos de todos os ramos e graus de ensino) também contribuiu para perturbar a realização da tarefa do ensino durante os anos que decorreram entre 1939 e 1943. O sentimento das populações era particularmente afectado por essas requisições que com frequência se realizavam.

(Continua)



EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
a			(Meia hora de programa especial)				
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

P A P Y R U S

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelerias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



A VOLTA AO MUNDO

Desde Tunis a Kiaca... de Tarawa a Cassino... os rapazes americanos, equipados com solas Panco, vão marchando para a vitória. É uma guerra dura, uma guerra de movimento que requiere solas à altura da sua árdua missão. Trilho de montanha ou carreira de selva, Panco leva-os de vencia, como o bom soldado que é. Com a paz, Panco regressará ao serviço dos civis. Melhor do que nunca, graças à experiência adquirida, com as necessidades da guerra, pela maior fábrica do mundo no seu género. Válerá a peña ter esperado pelas

SOLAS PANCO

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

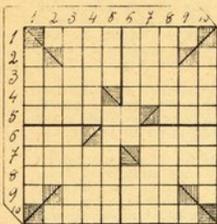
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 42

Por José Rodrigues Correia (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Fileiras; crisol. 2 — Elo; lavra. 3 — Grassar; cidade da França. 4 — Pinta negra produzida pelo excesso de calor do lume; separa. 5 — Fazer ir para o mar largo; solitários. 6 — Uma das Ciclades; vogais e consoantes. 7 — Cordilheira da Ásia central; lavras. 8 — Multa; irritado. 9 — Partido; parente (inv.). 10 — Medida que tem cinco palmos; cidade e pórtio das Filipinas.

VERTICAIS: 1 — Glória; filho de Vulcano. 2 — Bebida alcoólica proveniente da destilação do melão; aro. 3 — Vara para apanhar fruta; região da Grécia antiga (grafia actualizada). 4 — Limpar; afecto. 5 — Forma abreviada de senhor; unira. 6 — Manuscrito antigo; reboque (inv.). 7 — Cóleras; lisa. 8 — Pouco vulgares; mulher de raça negra. 9 — Rei de Troia; seguias. 10 — Lição; ocasiões.

PROBLEMA N.º 41

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Ralé; para. 2 — Ouro; prata. 3 — As; aviário; nu. 4 — Lar; árias; las. 5 — Alla; tala. 6 — Ame; Eva. 7 — Arte; veia. 8 — Ode; ara. 9 — Irão; sala. 10 — Cãs; parrá; mas. 11 — As; sotaina; só. 12 — Veto; rima. 13 — Pare; sara.

VERTICAIS: 1 — Pala; iças. 2 — Sala; oras. 3 — Ao; rimadas; vá. 4 — Lua; aéreo; ser. 5 — Erva; pote. 6 — Oir; ato. 7 — Aida; aura. 8 — Pra; rir. 9 — País; anis. 10 — Ato; telas; ama. 11 — Rã; lavram; ar. 12 — Mala; alas. 13 — Musa; asos.

DAMAS

(Secção espanhola)

De «La Provincia» — Las Palmas (Espanha)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora Telde — G. Canária — Espanha

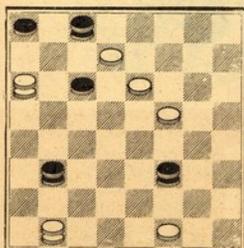
1.º Concurso de Problemistas de «Damas»

2.º Concurso da Casa Conhaque Terry

COMPOSIÇÃO N.º 10 (Problema) «La Provincia», 24-8-944 — Las Palmas (Espanha)

Lema: «Asmicion»

Pretas: 3 «damas» e 2 «pedras»



Brancas: 2 «damas» e 4 «pedras»
Jogam as brancas e dão mate em quatro jogadas.

NOVAS IDÉIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

(Continuação)

No xadrez os peões só caminham numa direcção, nas «damas» em duas. No xadrez quando dois peões se encontram ficam parados; nas «damas» saltam por cima apreendendo, de modo que por todos os conceitos é mais difícil nas «damas». É mais exacto, porque no xadrez um erro pode ter remédio. Nas «damas» não o tem nunca ou quasi nunca. Finalmente, é mais espanhol, porque é mais ágil, mais rápido, mais veemente que o xadrez.

Comparem os nossos leitores a silhueta psicológica de um alemão e a de um espanhol e têm um claro reflexo na lentidão, parsimónia e gravidade do xadrez, com a agilidade, a desenvoltura e agudeza de um jogo de «damas».

Esta apreciação da sua dificuldade fez a lenda entre o público da facilidade do jogo e afastados dele aqueles que estavam capacitados pelos seus conhecimentos para reunir uma teoria que está atrasada, em finais, problemas e aberturas, em mais de um século com respeito à teoria do xadrez.

O jogo das «damas» é mais fácil de aprender a jogar, mais fácil de apreensão e mais próprio para inteligências não acostumadas aos estudos profundos, pelo que pedagogos e sociólogos estão todos de acôrdo na necessidade e conveniência do xadrez como ginástica intelectual, como afastamento dos lugares de ócio e vício e de treino para a luta da vida (não esqueçamos que o xadrez não é uma arte, nem uma ciência, mas sim uma luta), tanto mais o será o jogo das «damas», que a todas as vantagens do xadrez reúne sua facilidade de aprendizagem, sua facilidade de apreensão e sua melhor adaptação à nossa psicologia e ambiente temperamental.

(Continua)

RECTIFICANDO

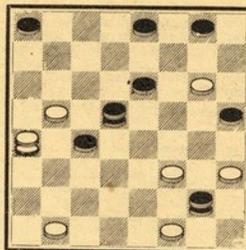
Conforme prometemos no nosso último número, inserimos hoje, novamente, a parte truncada do artigo sobre o «Estado actual da Teoria do Jogo das Damas» — Causas do seu atraso», publicado no n.º 169 do nosso semanário:

«No entanto, prescindindo disto e atendendo nós somente à teoria, podemos afirmar que, assim como os primeiros livros de xadrez foram de espanhóis, Lucena, Ruy Lopez, etc., também o foram os das «damas», pois em 1547 escreveu-se em Valência por Antón Torquemada o primeiro livro sobre o jogo de «damas» que se conhece; em 1591 foi publicado por Pedro Ruiz Montero o segundo livro conhecido, e a este se seguiu Lorenzo Valls (1597), Juan Timonedra (1635), Juan Mirón del Castillo (1635), Juan García Canalejas (1650) e só em 1684 se publicou o primeiro livro estrangeiro, por Mallet, em França, e fôsse porque tivesse mais difusão, ou fôsse porque fôsse, o caso é que assim como o xadrez se chamou jogo de Filidor, esquecendo a Lucena e Ruy Lopez, ao jogo de «damas» de origem espanhola se lhe chamou de «damas à francesa».

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 48 (Concurso)

Por Marcelino Pécuto (Vila Viçosa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 46

Solução

17-21	10-14	2-5	19-23
26-17	17-10	9-2-20	28-19
14-23-30	30-17-3-16-30		
4-21		P.	

SOLUÇÃO DO FINAL RESULTANTE DESTE PROBLEMA

1.ª hipótese

As pretas jogam 25-21;	30-17
17-6	6-15
20-16	29-25
15-26	P. ganham.

2.ª hipótese

As pretas jogam 29-26;	30-17
17-6	6-3
20-16	25-21
3-7	7-3
21-17	P.

ACTOR JÚLIO SALUSTIANO RODRIGUES

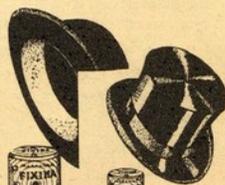
Andava o dirigente desta secção passeando em plena Feira Popular quando, a certa altura, ouviu que alguém o chamava. Olhou, e viu sentados a uma mesa do Café Colonial, os seus dois velhos amigos: o actor Salustiano Rodrigues e o capitão Raúl Albano de Loureiro Bastos. Depois dos cumprimentos da praxe, convidaram-no a tomar um café.

Estabeleceu-se conversação e, em dado momento, falou-se na «Vida Mundial Ilustrada» e na secção «Passatempo». Então Teixeira Marques perguntou ao velho actor se não teria qualquer assunto de interesse para «Passatempo». Salustiano sorriu e disse-lhe que fizesse as seguintes perguntas aos leitores da «Vida Mundial Ilustrada»:

- 1.º — Quando é que um guarda-freio dos eléctricos se compara a um polícia?
- 2.º — Quando é que um simples carpinteiro se parece com o padre?
- 3.º — Em que se parece um relógio de algeibra com um escultor?
- 4.º — O que é que nos fica no mundo no final da guerra?
- 5.º — Se não há regra sem excepção, qual foi até hoje o português mais excepcional?
- 6.º — Qual é a terra portuguesa que os escolares mais temem?

E fiquemos por aqui, pois que o nosso amigo nos prometeu mais colaboração para outros números. Na próxima semana daremos as respostas às perguntas de hoje.

Ventura ama as flores
(História sem palavras)



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

Boião maior, 15\$00
Boião menor, 10\$00
Vende-se nas boas drograrias, bearberias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Idefonso, 29, Pórtio — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 4 3582.

Os amigos dos nossos amigos

Por Rudyard Kipling

Desenho de Clapura

«Por que mataste o forasteiro?»
«Deshonrou-me. Aparentei a minha
égua «Bijli». Disse-lhe que a mon-
tasse. Dei-lhe arroz e carne de ca-
bra. Quando dei-lhe a minha tenda,
correu veloz atrás d'êlo com uma
espada no vão. Tinha-se emborra-
chado com vinho quente e fez troça
de mim à vista das estrélas. Por
isso o matei!».

HADRAMANTI

ÉSTE conto tem que ser escrito na primeira pessoa. Razões não faltam. O homem que tenho aqui a denunciar chama-se Tranter e é Bombalm. Quero que o expulsem do seu «club», que o separem da sua mulher, que o demitam do seu emprego e que o metam na cadeia... enquanto me não der uma explicação por escrito. Quero que todo o mundo se acautele d'êste Tranter de Bombalm.

Conhecem os senhores o método, do tipo natural, que na Índia empregam para se livrar de um ou outro conhecido? É uma grande vantagem, porque um pode livrar-se de outro indivíduo de que não goste, escrevendo uma carta de apresentação e metendo-o numa carruagem com a carta no bôlo.

Esta é mesmo a melhor forma de tratar os que chegam da metrópole. Se os tiverem em «movimento continuo», não lhes ficará tempo para exprimir opiniões e insultos contra a sociedade «anglo-indiana»...

Um dia, quando os frios já estavam quasi a passar, recebi uma carta de Tranter, o de Bombalm, anunciando-me a chegada de um indivíduo de nome Jevon, vindo de Inglaterra. Solicitava-me, como é de hábito, que o tratasse como se fosse o próprio Tranter em pessoa. Enfim, os senhores sabem como costumam escrever-se estas cartas.

Dois dias depois, chegou Jevon com a sua carta de apresentação e eu tratei-o o melhor que pude. Era um homem de boas cores, cabelos brancos, de loiros que eram, e muito inglês. Mas não dava opiniões a respeito do governo da Índia. Também não mostrou desejo especial de caçar tigres na Avenida da Estação, como pretendem outros recém-chegados. Portava-se como devia ser e agradecia o pouco que podia fazer por êle. Principamente, ficou contentíssimo quando lhe arranjei um convite para o baile que a senhora Deemes ia dar e a quem eu o apresentei. Tinha eu por esta senhora grande respeito e admiração. Mrs. Deemes dançava como a sombra de uma folha embalada por uma brisa suave. Para mim tinha especial significado a amizade da senhora Deemes, e se eu adivinhasse o que estava para acontecer, antes queria ter partido a cabeça a Jevon com a barra da cama do que arranjar-lhe um convite. Mas eu não podia adivinhar, claro. E, na noite do baile, creio que até jantou no «club». Eu comi em casa. Quando cheguei ao baile, a primeira pessoa que encontrei perguntou-me se tinha visto Jevon. Disse-lhe que não. «Tem estado no «club». Ainda não chegou?» «Sim, chegou e até chegou cedo demais!» respondeu o tal senhor. «O melhor é ir vê-lo!».

Procurei Jevon. Encontrei-o sentado numa cadeira. Sorria-se para êle próprio e olhava um convite de baile que segurava na mão. Com uma olhadela compreendi tudo. Lembra-ra-se de se embriagar precisamente naquela noite, que tinha de beber e agüentar-se firme! Respirava ruidosamente pelo nariz com os olhos avermelhados e o ar de quem é a pessoa mais feliz d'êste mundo. Formulei mentalmente um voto de que a dança lhe dissipasse os vapores do vinho e limitei-me a sentar-me de «carnet» de baile na mão, muito aborrecido. Mas de repente, reparei que Jevon se dirigia à senhora Deemes, para lhe pedir a primeira dança. Simplesmente, nepi tódas as valsas juntas daquela noite chegariam para o sustar nas pernas. O par deu seis passos. Contei-os. A senhora Deemes desprendeuse dos braços de Jevon e veio ter comigo.

Não hei-de repetir aqui o que me disse, a

senhora Deemes, que estava demasiado irritada. Nem vou a escrever o que respondi à senhora Deemes, porque não lhe respondi nada. O mínimo e de melhor que naquele momento pude pensar foi não ter matado aquêlo Jevon e terem-me já executado pelo meu delicto. A senhora Deemes cortou com o lápis tódas as danças que me tinha reservado para aquela noite e afastou-se. Fiquei-me a pensar que devia ter dito à senhora Deemes que fóra ela própria quem pedira para lhe apresentar Jevon porque sabia que êle dançava bem. Mas acabei por pensar que era melhor calar-me e ver se conseguia que Jevon não me metesse em mais sarilhos. Êste, porém, tinha desaparecido, de modo que, em cada três voltas à sala de baile, lá lá eu ver se o descobria. Esta caçada escangalhou-me as boas contas que detinha, pensando que me divertiria muito nesta festa.



Pouco antes da ceia, descobri Jevon no bufete, de pernas muito abertas, a falar com uma senhora gorda e indignadíssima. «Se êste indivíduo é seu amigo, como penso, permitto-me aconselhá-lo a que o vá por em casa» — disse a senhora. «Êste senhor não sabe portar-se diante de pessoas decentes!».

Compreendi, claro, que alguma coisa de tremendo devia ter-se passado e tratei de levar Jevon dali.

Mas, quem é que vai nisso! Que sabia o que tinha a fazer, sim, senhor. Que não se deixaria levar por nenhum negroiro, isso é que não. Que o que tínhamos a fazer era ir tomar alguns copos do melhor; e que tódas as «camelas» do mundo, por muito que se vestissem de séda negra, não seriam capazes de o convencer de que o «Benedictino» não é o único para despertar o apetite seja a quem fór. E, demais... mas êle não queria dizer mais porque, no fim de contas, êle era meu hóspede.

Consegui levá-lo a um canto tranqüillo do salão e fui procurar um oficial subalterno, bom e amável — que Deus o abençoe e oxalá o faça comandante-chefe — o qual, de boa vontade, se prontificou a ajudá-me. Como não dançava, prometeu que vigiaria Jevon até ao fim da festa.

— Creio que não vai importar-se muito com que eu fizzer a êste senhor? — disse o oficial.

— Importar-me? Claro que não. Pode assas-siná-lo se achar conveniente ou do seu agrado. É um animal.

Mas o oficial subalterno não o assassinou. Foi a correr ao bufete, onde eu deixara Jevon e sentou-se junto d'êlo. Os dois começaram a beber na melhor das harmonias. Em vista disso, fiquei muito tranqüillo também e afastei-me. Ao compasso do «Rozabef» da velha Inglaterra, fui-me inteirando das façanhas realizadas por Jevon entre a primeira dança e o nosso encontro no bufete.

Depois da senhora Deemes se livrar d'êlo, Jevon foi ter com a orquestra e prestou-se a dirigil-a ou a tocar qualquer instrumento, segundo preferisse o regente. Quando êste se negou a aceitar as suas propostas, Jevon lastimou que não soubessem apreciá-lo no que mais valia, e saíra à procura de almas conversivas. Aos tombos, foi tirar quatro jovens para dançar, declarando-se apaixonado a três d'êlas. (Uma das jovens — só agora me lembro! — era casada!).

Dali foi-se ao salão onde se jogava whist e onde caíu de cabeça para baixo, porque escorregou no encerado. Começou, então, a chorar alto e bom som amargo, porque, dizia, tinha caído num antro de malfetores e que a sua mamã sempre o prevenira de que tivesse muito cuidado e não andasse em más companhias...

Enfim, Jevon tinha feito um sem número de disparates e bebido uma respeitável quantidade de licores de tódas as qualidades.

Não havia quem não pretendesse ver-se livre d'êlo — homens e mulheres — e o pior era que todos me consideravam responsável por tanto escândalo. Mas, ora digam-me com

(Continua na pág 16)

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA - TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª - Trav. Condessa do Rio, 27